

A ILLUSTRACÃO

LUSO-BRAZILEIRA.



Redacção

ALEXANDRE HERCULANO. — A. D'OLIVEIRA MARRECA. — A. DE SERPA. — A. P. LOPES DE MENDONÇA. — ERNESTO BIESTER. — FRANCISCO GOMES D'AMORIM. — FRANCISCO PEREIRA D'ALMEIDA. — F. M. BORDALLO. — FRANCISCO ROMANO GOMES MEIRA. — J. M. LATINO COELHO. — J. M. D'ANDRADE FERREIRA. — J. S. MENDES LEAL. — J. DE TORRES. — L. FILLIPE LEITE. — L. A. PALMEIRIM. — R. BULHÃO PATO. — RODRIGO PAGANINO.

Director

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA.

LISBOA: — Anno 33600 rs. — Semestre 15920 rs. — Trimestre 13000 rs. — Numero avulso 120 rs.

VOL. I. — NUM. 9. — SABBADO, 1 DE MARÇO DE 1856.

PROVINCIAS — FRANCO — Anno 45000 — Semestre 25100
Ultramar e estrangeiro (moeda forte) 55000 rs.

SUMMARIO.

Jorge, romance contemporaneo (continuação). — A corte de D. João III, estado social e economico do paiz, no meado do seculo XVI, (continuação). — Revista critica sobre Segismundo Thalberg. — O tenente coronel Magnan. — A Ilha dos Principes. — O Mosteiro da Batalha. — Uma Viagem pela litteratura contemporanea (continuação). — Viagens: Ilhas dos Açores (continuação), Chronica Semanal. — Revista Politica.

ENLAVURAS: O tenente-coronel Magnan. — Um jardim na ilha do Faial. — A ilha dos Principes, e o quartel dos prisioneiros russos. — O Mosteiro da Batalha.

JORGE.

ROMANCE CONTEMPORANEO.

Continuação.

VI

O novo personagem era um homem quasi microscopico; porem, examinando com attenção a sua figura, ver-se-ia que alem de ser admiravelmente proporcionado, e bem feito, a agilidade e força physica muito acima do vulgar, existiam ali. Os seus mais pequenos gestos denunciavam-o logo como homem de distincto nascimento e finissima educação. Agora duas palavras sobre a sua phisionomia, não bonita mas atrahente. Os olhos garços e insinuantes, revelavam a energia, o valor e a lealdade do caracter. No meio de grandes perigos o brilho era mais intenso e sereno; na lucta de cara a cara fuzilavam nas pupillas o rayo electrico, que fascina o inimigo. A boca um pouco grande, porem graciosa e fina, alegrava-se com um sorriso levemente ironico, mas não da ironia traiçoeira e má que nos repelle, quando a vemos escorregar por certos labios finos e descorados.

O rosto mais pallido do que moreno, tinha aquella expressão de serenidade que denuncia um valor sobrehumano. Por muitas vezes encarara a morte frente a frente, e nem a mais leve sensação lhe contrahia os musculos da face.

Este homem possuia sem pretensões, nos seus ademanos e nas suas palavras, uma graça particular e infinita.

As vezes Jorge, como todas as organizações superiores, propenso a cair em profundo abatimento, accordava d'este penoso estado moral a um simples dito do seu amigo.

Quando Jorge entrou no seu quarto, Mauricio, era este o nome do personagem que acabamos de descrever, desatou uma estridente gargalhada.

— Vamos, trata de fazer a tua toilette, são horas, o homem espera por nós na rua do Ouvidor; agora meu amigo não ha remedio senão despir essa casaca de gentlemen, e envergar uma japona semelhante a esta. Não queres convencer-te de que é forçoso abandonar esses ares de

gram-senhor. Lembra-te que vendeste como o filho prodigo o teu patrimonio por um prato de lentilhas.

— Lembro, lembro sim, charo amigo, respondeu Jorge deixando-se cair sobre uma cadeira de braços.

Mauricio, mirava-se a um espelho de vestir que lhe ficava fronteiro, virando-se nos calcanhares, e continuando a rir na melhor disposição de espirito. Com effeito a sua figura era a mais comica do mundo. Um casaco de panno piloto quasi sem feitiço, caia até quatro dedos mais abaixo das curvas das pernas. Uma calça larga de ganga azul, sapatos de cordovão com grandes laçarotes, um lenço de seda da India posto ao pescoço e um enorme chapéu de ordinario pello de seda, completavam este irrisorio vestuario.

— Fallaste com o homem.

— Não te disse já que sim; tomas o commando do navio, recebes agora o dinheiro que te for preciso, e depois...

— Falla de vagar que anda por ahi gente...

— Que importa isso?

— Importa que não quero que saibam...

— O que; que estás feito capitão negroiro...

— Exactamente, parece-me que essa posição não é das mais vantajosas, e sobre tudo das mais moraes.

— Tens razão, eu digo o mesmo, e ainda hei-de escrever um tractado contra a escravidão... mas agora....

E Mauricio dizendo isto tirava a bolça cuja physica já já em terceiro grau, mostrando-a ao seu amigo como ultimo e convincente argumento.

Jorge levantou-se rapidamente, foi a uma gaveta do seu guarda-roupa, tirou d'ella um casaco e umas calças de brim, e fez a sua toilette pouco mais ou menos semelhante á do seu amigo. Depois ambos atravessaram cautelosamente o corredor, e saíram á pressa.

VII

Em quanto Jorge e Mauricio vão tratar do seu singular negocio, o leitor condescendente permite-nos a narração d'algumas circumstancias sem a intelligencia das quaes não seria comprehendida esta historia.

As organizações artisticas, isto é, aquellas que nascem com o sexto sentido do bello, estão sujeitas a certo numero de necessidades desconhecidas da outra gente, porem sem as quaes estas não podem existir. É d'este dote, aliás precioso, que provem todas ou quasi todas as fraquezas e miserias d'alguns caracteres. Quando um homem d'estes é protegido pelos bens da fortuna, então apparece simplesmente a parte bella, e a outra, a que em compensação cohabita sempre com a creatura, não é impellida a fazer-se sentir. A imaginação cria quanto pode haver de delicioso e agradável, os sentidos ambicionam os mais caprichosos prazeres, e os meios positivos satisfazem até certo ponto estes instinctos adoraveis e deploraveis de algumas organizações. Quando porém a escacez da fortuna prohibe que se realizem estas que parecem superfluas, mas que de facto são absolutas necessidades para os que nasceram assim, então principia a lucta entre o desejo e a consciencia, lucta tremenda que as mais das vezes acaba por destruir os sentimentos de moral, que acima de tudo nobilitam e engrandecem o homem.

Lançando os olhos em derredor de nós, vemos a cada instante mais de um lastimoso exemplo, que infelizmente prova bem a verdade desta observação. Jorge creado na meio da opulencia, estragado pelos carinhos extremos de uma familia que o adorava desde creança, não conhecera outra vontade senão a sua. Mais tarde quando chegaram as paixões violentas da juventude, este vicio de educação foi origem de grandes fatalidades para elle. Depois da morte de sua mãe, aquella alma quasi infantil succumbiu, e coberta de lucto gemia desherdada do mais santo de todos os affectos. Havia-se operado um completo reviramento no seu caracter, elle mesmo se des-



O tenente-coronel Magnan. — Cheffe de estado-maior da 4.ª divisão.

conhecia, e tão moço ainda, a idea do mundo, dos prazeres, das extravagancias, não só não attraía, porem ainda mais chegava a ser-lhe repugnante. Foi n'estas circumstancias que se decidiu a deixar Portugal, e a percorrer os pontos mais principaes da Europa. Era um passageiro enganado este. As mesmas tendencias, as mesmas paixões e instinctos, jaziam no fundo da sua alma alimentados pela dôr d'aquelle tremendo golpe, porem com o tempo deviam despertar outra vez energicas e impetuosas.

Jorge tinha a paixão do mar; n'uma primavera estando em Londres elle, Mauricio e dous inglezes de suas relações, mandaram construir um palhote e foram viajar. Um dos inglezes era official de marinha, e Jorge aprendera com elle os rudimentos da navegação.

No fim de certo tempo affoutava-se a commandar as mais arriscadas manobras. Regressando a Paris passados dous annos, tinha como Lamartine contemplado o céu profundo e azul ferrete do Oriente, e como Lord Byron, admirado as pomposas ruínas da Grecia. Sem ter feito nunca um verso, Jorge era poeta, um grande poeta, e no meio de todos os seus desvarios dedicara sempre algumas horas ao sagrado culto das letras. N'alguns fragmentos que os seus amigos intimos tinham visto d'elle, admirava-se a graça e correcção de um estylo original e pitoresco. Quando se achava no circulo dos homens de superior intelligencia, se a conversação naturalmente caía sobre elle, muitas vezes tinham de admirar o alcance das suas idéas, a forma sempre graciosa e elegante da sua phrase. Como mais acima dissemos, depois da morte de D. Pedro da Cunha as loucuras de Jorge augmentaram, a necessidade de promptos recursos redobrou, e o zeloso procurador de seus bens em Lisboa deixára-o sem um real dentro de 5 annos. Mauricio fizera pouco mais ou menos o mesmo. Ambos se achavam em Paris, e ambos sentiam agora a difficuldade da situação que ambos pelas suas proprias mãos haviam creado. Uma noite nos dias d'esta crise terrível, Jorge e Mauricio tinham acabado de jantar, e vieram ambos sentar-se ao pé do fogo. Era no inverno, os trovões retumbavam de quando em quando, e a chuva fortemente impellido pelo vento fustigava os vidros da janella. Grossos toros de raiz crepitavam na chaminé; Jorge fitando os olhos nos diversos accidentes da luz, parecia submergido em pezada e profunda tristeza. Mauricio defronte d'elle curvado um pouco, espiava o lume com a tenaz. No meio de ambos estava uma pequena meza de magno onde o criado veiu servir o caffè. O criado conservou-se a pequena distancia, Jorge fez-lhe signal para que se retirasse. Depois enchendo dois copinhos de cristal de velho cognac, offereceu um a Mauricio e bebeu o outro de um trago. Jorge tirou da cigarreira dous charutos, offereceu um d'elles ao seu amigo accendendo em seguida o outro com a voluptuosidade propria d'um verdadeiro fumador. Mauricio encostou-se para traz na cadeira, e principiou a arrancar com toda a ancia largas e repetidas fumaças. O silencio durou alguns instantes. Mauricio foi quem o quebrou.

Continúa.

BULHÃO PATO.

A CORTE DE D. JOÃO O III

ESTADO MORAL E ECONOMICO DO PAIZ NO MEADO DO
SEculo XVI

(fragmento inedito do VII livro da Historia do
Estabelecimento da Inquisição)

(Continuado do N.º 7.)

Taes vinham a ser em summa as materias mais interessantes contidas nas instrucções preparadas para o bispo coadjutor de Bergamo. D'ellas resulta que o procedimento da curia era só determinado pelo desejo de manter a propria influencia, e de auferir os maiores lucros, embora ignobeis, ainda das mais pobres e opprimidas nações catholicas. Quanto a Portugal, o que se deduz de tão singular documento é que, apesar da linguagem altiva do monarcha nas suas relações diplomaticas, o paiz chegára a extrema decadencia e fraqueza, e que, apesar das manifestações externas de devoção exagerada, e de zelo feroz pela pureza das crenças, a corrupção era profunda e grande a hypocrisia. Podia haver um ou outro ponto menos correcto na exposição dos factos em que as instrucções se estribavam, mas a apreciação geral d'elles era exacta. Não escrevendo a historia geral do reinado de D. João III mal poderíamos, na verdade, colligir aqui todos os vestigios que nos restam da irremediavel decadencia moral e material do paiz n'aquella triste epocha, decadencia que explica sobejamente o proximo termo que teve a nossa independencia. Entretanto, para que o leitor possa ajuizar se a curia romana estava bem informada, mencionaremos varios factos característicos d'essa miseria economica e d'essa perversão de costumes de que em Roma se esperava tirar tão assignaladas vantagens.

Já n'outros lugares temos lido occasião de alludir ás difficuldades da fazenda publica na epocha de D. João III, e á má administração economica do reino. As actas das cortes de 1525 e 1535 dão grande luz sobre esse assumpto. Algumas notas estatísticas, relativas a annos posteriores, esclarecem-nos ainda melhor a tal respeito. São essas notas do conde da Castanheira, védor da fazenda e por isso homem especialmente habilitado para apreciar a si-

tução do erario. A divida publica era em 1534 de mais de dous milhões, somma avultadissima n'uma epocha em que o orçamento ordinario de receita e despeza não chegava talvez annualmente a um milhão de cruzados. (1) Levantavam-se empréstimos por todos os modos, e, como n'outro logar dissemos, (2) só o juro do dinheiro negociado em Flandres subia em 1537 a cento e vinte mil cruzados. (3) Em 1543 já a divida estrangeira era proximoamente igual a toda a divida publica de 1534. (4) Os juros vencidos d'aquelles empréstimos tinham sido tão exorbitantes que a sua importancia excedia o capital. Calculava-os o feitor portuguez de Flandres em 25 por cento ao anno, termo medio, de modo que a divida dobrava em cada quatro annos. (5) Para alliviar até onde fosse possivel estes intoleraveis encargos, pedia el-rei nas cortes de Almeirim de 1544 duzentos mil cruzados ao terceiro estado, o qual offerecia cincoenta mil. (6) Recorria depois aos empréstimos individuaes. Para isso mandava escrever cartas ás pessoas abastadas do reino, significando a cada uma com quanto desejava que concorresse. (7) Estes convites do fundador da Inquisição não eram de desatender, e a generosidade devia tornar-se virtude assaz commum, embora a agricultura, o commercio, e a industria padecessem com essa absorção de capitaes. As cousas haviam chegado a termos, ainda antes de 1542, que as pessoas sisudas e experientes quasi de todo desanimavam. Nunca de memoria d'homens tinha sido tão profunda a desorganização da fazenda publica. Nem o rei, nem os subditos podiam já com os encargos, e era facil prever que cada vez menos poderiam com elles. Desde que se encetara o caminho ruinoso dos empréstimos nunca mais se abandonara, e o estado quasi que exclusivamente vivia d'esse expediente. Como as necessidades cresciam, tractou-se de vender padrões de juro, isto é, de ajunctar a divida permanente interna á externa, e apesar da resistencia do conde da Castanheira, venderam-se illimitadamente titulos da divida publica. Parou-se quando deixou de haver quem comprasse. O proprio védor da fazenda achava que já não restavam recursos, nem sequer na alienação das jurisdicções, dos direitos magestáticos, pela simples razão de faltar quem tivesse dinheiro para dar por ellas. Mas os empréstimos fóra tambem não tardariam a cessar, na opinião do conde da Castanheira, e ainda tardariam menos mostrando-se que o rei de Portugal não cuidava em reduzir a despeza ou em crear novos recursos para a manutenção do estado. (8)

Vê-se, pois, que as idéas recebidas na curia romana acerca da situação economica do povo portuguez não eram inexactas. O conceito que se pôde formar do estado moral do paiz á vista das insinuações dirigidas ao novo nuncio não é menos seguro. A dissolução dos costumes associava-se á miseria e á fraqueza, cubrindo-se com as formulas de uma religiosidade fervente, como a pobreza e a debilidade se encubriam sob as apparencias do esplendor e sob a linguagem altiva da omnipotencia. De muitos testemunhos dessa triste verdade escolheremos dous, que nos parecem acima de toda a suspeita. Serão o de D. João III e o de carmelita Fr. Francisco da Conceição, frade portuguez, homem de letras, e consultor do concilio de Trento na conjunctura em que este se fixara temporariamente em Bolonha. Tomou o carmelita a seu cargo informar os padres do concilio do estado moral e religioso da sua patria, para que a assemblea geral dos pastores acudisse com remedio aos males que deplorava. Era necessario para isso expol-os sem disfarce. Foi o que fez n'uma especie de consulta que chegou até nós, e que se pôde considerar como confirmação e complemento do quadro que resulta dos documentos officiaes do proprio D. João III.

Involvido de continuo em questões ecclesiasticas, e sobretudo em questões fradescas, e deixando, como acabamos de ver, caminhar o estado á ultima ruina, o rei de Portugal entreteinha-se nos intervallos de descanso que lhe concediam as materias da Inquisição, em pensar na erecção de novas sés, na translação de mosteiros de ordem para ordem, na reformação, fundação, ou supressão de outros, em introduzir frades na jerarchia ecclesiastica, em intervir nas luctas de ambição sobre as prelasias monasticas, e em todos os demais negocios d'esta especie, muitas vezes inferiores aos cuidados proprios de um rei. A mesma reforma da universidade, idea generosa e grande a principio, descera ás proporções de uma intriga de claustro, sobretudo desde a entrada dos jesuitas no reino. As questões ecclesiasticas tornavam por isso a enviatura de Roma a mais trabalhosa de todas, e volumosissima a correspondencia com os ministros e agentes n'aquella corte. Quem quizesse ceifar por entre o pó dos archivos a immensa seara de vergonhas e miserias que se dilata por essa correspondencia, cansaria talvez no meio de tão repugnante labor. Para o nosso intuito basta que aproveitemos alguns factos que sobejamente indicam a decadencia moral e religiosa d'aquella deploravel epocha.

Se acreditarmos D. João III, ou os que falavam em seu nome, a immoralidade pullulava por toda a parte e sobretudo entre o clero, e especialmente entre o regular, que elle tanto favorecia. Os ecclesiasticos, por exemplo,

- (1) Sousa, Annaes, Memor. e Doc. p. 335.
- (2) V. anti T. 2 p. 190.
- (3) Sousa, Ibid. p. 401.
- (4) Ibid. p. 409 e seg.
- (5) Ibid. p. 410 e 417.
- (6) Ibid. p. 417—Memor. de Litter. da Academia T. 2 p. 102.
- (7) Sousa, Ibid. p. 412 e 413.
- (8) Carta do conde da Castanheira a el-rei: Ibid. p. 456.

da vasta diocese de Braga eram um typo acabado de dissolução. Os parochos abandonavam as suas egrejas, e o povo não recebia a necessaria educação religiosa, faltando castigo para tantos desconcertos (1) Os mosteiros offereciam os mesmos documentos de profunda corrupção, distinguindo-se entre elles os de Longovares, da ordem de S. Agostinho, e os de Ceíça e Tarouca da ordem de Cister (2); ou antes nenhum dos mosteiros cistercienses se distinguia; porque em todos elles os abusos eram intoleraveis. Os abbades, que, segundo a regra, occupavam o cargo vitaliciamente, faziam recordar no seu modo de viver os devassos barões da idade media. A opulencia manifestavam-na em custosas e nedias cavalgadas, em aves e cães de caça e n'uma numerosa clientella, completando alguns essa existencia de luxo com mancebas e filhos, que mantinham á custa do mosteiro. Viviam os monges pelo mesmo estylo, na crapula e brutesa, servindo muitas vezes como criados do abbade, de modo que, na opinião d'el-rei, não havia na ordem de Cister senão ignorantes e devassos. (3) Os conventos de freiras não se achavam em melhor estado, sendo o de Chellas, o de Semide e outros theatro de continuos escandalos (4). A historia de Lervão e da sua abbadesa, D. Philippa d'Eça, é um dos quadros mais característicos daquella epocha. Lervão contava então cento e setenta freiras, entre professas, noviças e conversas. A familia d'Eça preponderava alli. D'ella eram tiradas sempre, havia sessenta annos, as abadessas, e outros tantos havia que a dissolução era completa em Lervão. Das freiras então actuaes uma parte nascera no mosteiro. Suas mães não só não se envergonhavam de as crear no claustro e para o claustro, mas ali mantinham tambem seus filhos do sexo masculino. D. Philippa era uma dessas bastardas, fiel ás tradições maternas. Andava ausente quando falleceu D. Margarida d'Eça, a ultima abbadesa. Aquellas, que tinham vivido em verdes annos com D. Philippa, e que contavam com a sua indulgencia, chamaram-na e elegeram na sucessora de D. Margarida, estando esta moribunda. Queria el-rei substituir a nova prelada por uma freira de Arouca; mas oppoz-se a parcialidade da eleita. Seguiu-se uma longa demanda em Portugal e em Roma, demanda cheia de estranhas peripecias. Entre estas a mais singular foi o serem certa vez encontradas D. Philippa e outra freira em casa de um clérigo de Coimbra, escondidas com a sua amante ordinaria, que a justiça buscava. A penna recusa-se a descrever o estado em que todas tres foram achadas (5). Taes eram as devassidões e os escandalos de que vamos encontrar memoria nos mais insuspeitos documentos.

Continúa

A. HERCULANO.

REVISTA MUSICAL,

SEGISMUNDO THALBERG.

I

Ter de registrar os artistas eminentes que vêm colher a Lisboa mais uma palma para entrelaçar á sua coroa de gloria, já não é uma tarefa facil, interrompida em largos periodos de annos, e apenas solemnizada por um ou dous acontecimentos que provam que o nosso voto no congresso das artes não é um facto indifferente e sem significação. Lisboa, como Londres, como Paris, como Berlim, como S. Petersburgo, como Madrid, é hoje uma estação previa e designadamente marcada no itinerario que os grandes genios, no seu gyro de ovações, seguem pelo mundo culto: é como o ponto de intersecção que essas vocações privilegiadas, que percorrem as nações para as deslumbrar com os fulgores do seu brilho, tocam já habitualmente no occidente ao sahirem da Europa para se entregarem aos applausos clamorosos, aos bravos phreneticos com que sempre as acolhem as cidades americanas, ou o primeiro porto, na escala europea, quando regressam do Novo Mundo, cobertas de coroas e seguidas de exitos brilhantes.

A lista d'estes artistas notaveis, vindos a Portugal, é já numerosa, se não abrange a totalidade dos meritos conhecidos e legitimados pelas manifestações da admiração publica. Langlais e Rossi, Pellegrini e Mooser, Bianchi e Ribas, Liszt, Kontski e Sivory, todos estes instrumentistas mais ou menos celebres, que tem arrebatado as platéas notaveis da Europa e da America, tem visitado as aguas do Tejo e buscado a confirmação de seus triumphos nos applausos do publico de Lisboa.

O nome de Liszt, porém, trouxera consigo, como leva a toda a parte, uma idéa accessoria, um estímulo de confrontação, um instincto de analyse, um desejo de conhecer e apreciar o seu rival, emulo ou competidor. O nome de Liszt não pôde ser ouvido sem acudir de prompto o de Thalberg; e da mesma sorte o auditorio, suavemente arrebatado pelos cantos expressivos de Thalberg, procura logo Liszt nos horisontes da arte.

(1) Collecção de Correspondencias e Papeis originaes do reinado de D. João III, pertencente ao sr. A. J. Moreira, quaderno 19 (Informação para se erigirem as sés de Miranda e Leiria).

(2) Ibid. (Informações para se mudarem ou annexarem os mosteiros de Ceíça, Tarouca, Longovares, S. Fino de Friestas etc.)

(3) Do que se seguiu em os ditos mosteiros (de Bernárdes) non aver relegiosos homens de bem e de boa relegiam, e serem todos ignorantes e homens de pouquo saber. Correspondencia orig. de Baltasar de Faria, f. 196 (Carta del-rei de 21 de agosto de 1526) na Biblioth. de Ajuda.

(4) Carta d'el-rei a B. de Faria de 6 de setembro de 1545: ibid. f. 138.

(5) Cartas d'el-rei ao mesmo de 19 de novembro de 1543 e de 9 de julho de 1546: ibid. f. 36 e 183.

E qual a razão d'este phenomeno?

Serão estes dois talentos dependentes um do outro para a sua apreciação justa e illustrada? Formarão por ventura os vãos arrebatados e brilhantes de Liszt o complemento do genio musical de Thalberg; ou representará o pianista genebrez uma faculdade artistica que falte á alma do grande tocador hungaro?

Nada disto.

É porque no piano, nesse instrumento em que, apesar de incompleto, de commum e banal, o genio encontra os effeitos mais prestigiosos da harmonia, os dous grandes artistas são como os polos que completam este genero musical. A approximação d'estes nomes não eclipsa o brilho a qualquer d'elles, antes auxilia e completa a critica nas suas reflexões genericas e relativas sobre a arte. O dito de George Sand, que parece apenas um jogo de palavras espirituoso, é um conceito sublime de concisão e criterio. Liszt, como pianista, é unico; mas Thalberg é o primeiro; porém, os dois reunidos formam, reuñem tudo que o piano pôde produzir de sublime, electrizado pelo impulso magnetico do estro creador.

II

Segismundo Thalberg nasceu em Genebra a 7 de janeiro de 1812. Logo nos primeiros annos uma morte imprevista e lamentada lhe arrebatou seu pai, deixando-o entregue aos cuidados de sua mãe, senhora de grandes dotes de espirito, que dirigiu os primeiros passos do futuro pianista com uma educação esmerada.

Ha uma notavel coincidência em vermos o influxo maternal, carinhoso e intelligente, abrir as portas da instrução e das conveniencias da vida a muitos dos mais distinctos talentos d'esta época. Foi tambem a mãe de Chateaubriand, a de Victor Hugo e a de Lamartine que lhes apontaram as primeiras paginas da Biblia, e dispuseram os elementos moraes para os grandes edificios que o genio ia erguer, e onde por certo, apesar das alternativas ultteriores, sempre se manifestaram os effeitos d'essas primitivas inspirações.

Thalberg começou a sua educação musical em Vienna, onde foi levado de tenra idade: o seu mestre de piano foi o primeiro fagote do theatro imperial. Mas o talento do joven artista desenvolveu-se rapido; e dentro em pouco tempo attingiu os segredos mais sublimes da arte e voou pelo mais alto das regiões accessivas unicamente aos espiritos privilegiados. Tinha 15 annos e já era o nome citado com maravilha no circulo dos dilettanti e o alvo dos triumphos constantes nos concertos e salões.

O genio fecundo e creador do joven pianista não o deixou permanecer por muito tempo como simples virtuoso. A sua inspiração ardente, a suavidade de harmonia que lhe despoitava de alma e o impellia aos seus meliores e mais sublimes desafogos, tinham necessidade de achar êcco, de se produzirem, e Thalberg foi compositor.

Estas primeiras produções, publicadas aos 16 annos, pouco valem absolutamente fallando, como obrás musicaes, mas são muito como o prognostico, como indicativo do pensamento que depois se desenvolveu e que hoje caracteriza o seu estylo. Para quem conhecer Thalberg, diz Fétiis, torna-se interessante a analyse da sua *Mélange sur les thèmes d'Eurianthe*, da *Fantaisie sur un air ecossais*, e do *Impromptu sur des motifs du siège de Corynthe*. Estas produções foram publicadas em Vienna em 1828.

Foi porém depois da sua primeira viagem á Alemanha, dous annos depois, que a imprensa periodica e a critica começaram a occupar-se seriamente do seu merito. Desde esta epocha, o seu nome figura como de um artista de reputação incontestavel. Thalberg havia escripto para esta viagem o seu concerto de piano (op. 5); mas este concerto, já de grande merecimento musical, estava contudo longe de nos mostrar o grande pianista futuro. Educado nos dictames da escola allemã, admirador de Mozart e Beethoven até tocar as raizas do fanatismo, vê-se que n'este concerto seguiu mais a influencia da sua educação musical do que os instinctos do genio que mais tarde o impelliram para outros horisontes. As formas classicas constrangem-no e atam-lhe os naturaes impulsos do desenvolvimento melodico; a orchestra incommoda-o, arrasta-o; enfim vê-se que este genero de musica não é o seu, que é um genero de estudo artificial e não aquelle alimentado pelas faculdades do seu espirito e dirigido pelo gosto e criterio que presidem ás suas mais notadas composições.

Desde esse tempo para cá, os seus esforços foram todos empregados na desenvolvimento dos seus instinctos artisticos: a sonoridade do piano; as combinações de effeito diverso mas simultaneo; o arrojio sem prejuizo na nitidez da execução; e as maiores difficuldades e defeitos peculiares do instrumento vencidos com a apparencia da simplicidade, foram os principaes predicados que annunciaram uma nova escola, e de que o distincto artista é indubitavelmente o fundador e o representante mais proclamado.

III

O patriarcha do piano pôde-se reputar Weaceslau Czerny. Carlos Czerny, seu filho e mestre de Liszt, assim como Sebastião Bach, o homem que operou na Alemanha a mesma transformação na musica que Palestrina conseguiu na Italia, Mozart, o grande compositor sacro, Clemente e Beethoven, os genios rivaes que tornaram o pia-

no interprete de todos os segredos da harmonia, todos estes auctores celebres foram seus discipulos.

O grande desenvolvimento do piano começa n'esta época. É pelo influxo do talento d'estes homens notaveis em todas as relações da inspiração musical, que o piano reproduz as mais arrojadas combinações do canto harmonizado, procurando alargar o seu machinismo de accordo com todas as exigencias da composição, elevada ás mais inspiradas regiões da arte pelo genio apaixonado e contemplativo dos auctores do *D. João* e do *Fidelio*.

Estes pianistas distinctos porém, obedecendo aos dictames e preceitos que haviam moldado a sua indole musical e formado a sua educação artistica, ou deixando-se impellir por esse sentimento interior que nos incendeia a alma fazendo-a voar para mundos desconhecidos de paixão e poesia, dividiram-se em systemas e crearam escolas.

Clemente, o Rossini do piano, e seus discipulos formaram a chamada escola brilhante: Mozart e Beethoven a escola dos harmonistas.

Mas Beethoven, talento que rebenta tarde mas que mesmo por essa especie de concentração recresce de intensidade, que depois se manifesta em rasgos mais inspirados e originaes, e cujo bello ideal se havia creado e engrandecido no estudo das grandes bellezas de George Benda, Haydn e Handel; Beethoven pelo vigor e abundancia da sua improvisação, pela originalidade e sciencia de suas composições, já abrange a audacia e brilhantismo que mais tarde caracterisaram os pianistas brilhantes, e a correção e segredos de harmonia da escola propriamente allemã, o que o apresenta como o precursor mais distincto da escola mixta.

Este facto contudo não se opera isolado pelo influxo directo do genio e composições do insigne pianista, foi o resultado de um sentimento vivo e profundo da arte, elaborado pelo estudo e engrandecido pela imaginação opulenta e vasta dos grandes engenhos que tornaram a Italia e Allemanha eternamente rivaes nas mais esplendidas manifestações do genio musical.

Em qualquer d'estas escolas vemos compositores que, mais ou menos, todos se deixam arrastar por esse impulso intimo que os confunde por vezes n'um pensamento commum e eminentemente musical—conciliar os dous generos distinctos, tratando de combinar o brilhantismo e effeitos de uma escola com os fundamentos de harmonia da outra.

É por isso que Pleyel, Dussek e Weber, guiados pelas regras da escola allemã—e quem sabe se arrastados pelo instincto nacional?—caminham a incorporar-se na famosa phalange dos pianistas harmonistas; assim como Kalkbrenner e Moscheles, genios desenvolvidos á sombra fecunda dos modellos classicos, entusiastas de Haydn, dão ás suas sonatas mais effeito e ornato do que Mozart e o proprio Beethoven.

D'aqui é facil de ver que á transformação se ia operando, quer instinctiva, quer systematicamente.

Mas Hummel, o discipulo predilecto de Mozart, o mais fecundo e brilhante de todos elles, foi o verdadeiro fundador da escola mixta. Herz, inspirando-se do genio audaz e expansivo de Moscheles, e fazendo adquirir ao jogo do piano mais agilidade e elegancia, não fez senão seguir os brilhantes rastos de luz que o celebre pianista deixára em todos as direcções do mundo da arte.

Hummel, na execução, continua e completa a escola de Mozart, aperfeiçoando-a pelos principios de um machinismo regular que elle como ninguem conhece, enriquecendo os seus thesouros de inspiração com o tracto intimo de Clemente, de quem recebeu conselhos e lições em Londres, quando ahí esteve, contando ainda poucos annos.

Esta epocha, para os pianistas allemães, é uma epocha de transformação e verdadeiros progressos.

É este notavel pianista e compositor, que pela influencia do seu engenho manifestado em todas as composições, adoptadas por modelo em mais de um genero, que determina os verdadeiros fundamentos e opera a transformação completa dos dois systemas que deviam atrahir os pianistas mais notaveis, e que depois achamos representados pelos talentos audaciosos ou reflectivos, fantasticos ou scientificos de Schullhoff, Mayer, Kullac, Kontski, Fumagali, Gabucci, Pruden, Gorla e Alkan, pleiada fulgurante de genios musicaes a cuja frente vemos apparecer o semblante suavemente inspirado de Thalberg, e em torno da qual volteia em gyros excentricos, como meteoro que passa rapido e deslumbra, Liszt, a gloria musical da Hungria.

IV

Temos pois Thalberg como o ultimo representante d'essa dynastia illustre de pianistas que approximaram o piano, em todos os progressos e segredos da arte, dos arrojios e manifestações mais esplendidos do pensamento de accordo com o rigor das regras da harmonia. Thalberg, nos seus maiores vãos de inspiração, é sempre um compositor correcto e elegante. É este talvez o caracter mais distincto de suas composições. Busca os effeitos; sóbe ás mais inspiradas regiões do canto; a fantasia presta-lhe as azas de ouro com que atravessa os dominios esplendidos do pensamento, mas nunca perde de vista o norte que lhe indica a sciencia da composição. É poeta, mas com as regras da arte na mão.

As bellezas resultantes dos aperfeiçoamentos propria-

mente mechanicos da organização do piano desenvolvem-se e brilham a par dos segredos da composição, pelos esforços de Thalberg. O augmento consideravel da potencia sonora; a regularidade, pureza e correção do jogo; a doçura e flexibilidade na pulsação, o sentimento e colorido nos passos mais singelos do canto, são apenas uma parte dos predicados que distinguem o grande artista. A sua execução é menos o resultado de um desejo ateadido pelo estudo, de uma habilidade poderosamente desenvolvida, do que a expressão prodigiosa de um pensamento constantemente musical. Este pensamento sempre completo, progressivo e manifesto, debaixo de seus dedos, transparece igualmente nas suas composições, com todas as vantagens que lhes pôde juntar o mimo, a delicadeza, e um sentimento profundo da harmonia.

Ácerca da natureza das duas escolas fundadas pelos esforços do illustre professor, e das diversas modificações porque passaram antes de attingirem o gráu de perfeição as produções que hoje representam a sua preponderancia absoluta, explica-se Fétiis da maneira seguinte:—«N'uma e n'outra escola observa-se que o canto e a harmonia, de uma parte, e as passagens brilhantes, da outra, se acharam sempre separadas, e que estas duas partes, que constituem a verdadeira musica do piano, apparecem unicamente alternadas e por uma fórmula, por assim dizer, symetrica. Nas passagens brilhantes das duas escolas são as escalas que predominam: o arpejo apparece raras vezes e essas mesmas de uma maneira quasi sempre igual. Nas combinações de effeito, ou no canto harmonizado, as duas mãos estão proximas ou separadas: no primeiro caso porém nunca occupam senão um lado de teclado; em quanto que no segundo deixam entre si um vacuo de harmonia que o ouvido estranha, ainda que o não analyse.

«Tal é a situação do piano quando Thalberg concebe a idéa de reunir o canto, a harmonia e os passos brilhantes, em vez de os fazer succeder alternadamente, e de occupar toda a extensão de teclado sem deixar vacuo no medio.

«Este pensamento, progressivamente amadurecido e desenvolvido, conduziu ao descobrimento de uma infinidade de engenhosas combinações de dedos que lhe permitiram produzir o canto accentuado com vigor e expressão, ornando-o de passagens rapidas e acompanhamentos difficeis e complicados.

«Neste novo systema as escalas não figuram como uma parte principal da musica brilhante de piano, são os arpejos produzidos em diversas formas que as substituem. A digitação modifica-se sensivelmente, e a frequente passagem do pollex torna-se um dos caracteres distinctivos da execução.»

Eis n'uma analyse rapida esboçado o genero aperfeiçoado por Thalberg, e que hoje constitue a escola seguida pelos mais distinctos pianistas italianos, allemães e francezes, e que entre nós tem, além de outros, um distincto representante no sr. Daddi.

V

Um talento da ordem de Thalberg não podia deixar de merecer as honras das côrtes que visitasse, assim como enthusiasmava os publicos das cidades mais civilizadas pelos progressos de seu talento. Antes de 1834 foi nomeado pianista da camara imperial, pelo imperador da Allemanha. Quando este soberano foi a Toplitz, onde se reuniu com o imperador da Russia e o rei da Prussia, o famoso pianista acompanhou Fernando I. Estas digressões por toda a Allemanha grangearam-lhe uma reputação, que as suas produções todos os dias mais solidamente fundamentavam. Todavia, o seu grande nome só começou a ter um êcco europeu depois dos esplendidos successos que produziu a sua ida a Pariz, em 1835, primeira vez que ahí esteve. Desde essa epocha, as suas viagens continuaram, que é o mesmo que dizer que os triumphos foram tantos quantos os theatros e salões onde o illustre pianista foi ouvido. Da França passou a Inglaterra, percorreu parte da Russia, quasi toda a confederação germanica, a Belgica, achando-se em 1850 em Madrid, cuja recepção foi attestada com todo o fogo de enthusiasmo pelos jornaes hespanhoes.

Mas Thalberg não é só compositor de sonatas e *fantasias*, de quartetos e septeminos; Thalberg conhece e triumpho de todos os segredos da composição e tem-nos ensaiado em mais de um genero. Em 1851, passando a Londres, escreveu uma opera, a que poz o titulo de *Florinda*, a qual foi representada no theatro da rainha por notabilidades cantantes, como Sophia Cruvelli, e sua irmã Maria Cruvelli, Simm Reeves, Calzolari, Colletti e Lablache.

O conservatorio de Napoles é tambem devedor ao grande artista dos maiores desvelos e lucubrações. No anno de 1855 regularizou ahí o methodo de ensino, exemplificando os estudos, e dirigindo elle propriamente o progresso dos alumnos, o que lhe grangeou os mais sinceros elogios da imprensa periodica de toda a Italia, e mui principalmente dos jornaes consagrados á critica e desenvolvimento das artes musicaes.

Mas o desejo de pôr em scena, no theatro de Vienna, a sua nova opera *Christina di Svezia*, fel-o partir de Napoles e dirigir se novamente á côrte do imperador Fernando. De Vienna dirigiu-se ao Rio de Janeiro. Por essa occasião tocou no porto de Lisboa, e se não tivemos

ainda o prazer de admirar o seu talento, os jornaes da capital saudaram com entusiasmo a apparição do insigne pianista, que, apenas visitando as aguas do Tejo, e apreciando de longe os votos d'uma população hospitaleira, promettia ahi voltar dentro em pouco.

Effectivamente no seu regresso á Europa, ainda ornado de novas coroas e com os ouvidos retumbando dos ecos da sua gloria tão proclamada pelo povo brasileiro, Thalberg cumpriu a sua promessa, e o publico de Lisboa leve de consagrar mais este genio, ouvindo-o por entre clamorosos applausos no theatro de S. Carlos.

VI

Abstrairemos de comparações. O entusiasmo, a ser verdadeiro, não as consente; e Thalberg, quando vibra no piano os cantos inspirados de Bellini, quando a paixão exprime os seus mais eloquentes affectos pela animação e sentimento daquellas melodias que vão directas ao coração sob o influxo do seu toque admiravel, não ha que fazer reverdecer reminiscencias, não ha que aproximar meritos já discutidos e engrandecidos, ha só deixar correr a admiração após os mais inspirados trechos do illustre artista, e gritar bravo, quando o silencio se quebra pela expansão do entusiasmo.

Nada ha mais digno de notar-se do que a entrada d'este homem com as suas maneiras aristocraticas sem pretenção, com a sua phisionomia distincta e suavemente illuminada da luz da inspiração, e vel-o chegar ante o publico, cumprimentar e sentar-se ao piano. Parece um embaixador, um enviado de soberano para soberano, já notavel nestas missões de apuro e elegancia diplomatica. É que maior soberano que o seu estro musical, que o seu talento, que o torna bem vindo e desejado em todas as cortes, onde a civilisação torna tambem o suffragio publico uma das confirmações soberanas da opinião?

Vede-o sentado juncto do instrumento que elle den-

tro em pouco vai tornar uma faculdade de sua alma, que vò com o artista, revelando os thesouros de harmonia que esconde aquella menté inspirada!

Silencio!

O teclado ferido por aquelles dedos prodigiosos solta sons de suave melodia: os cantos mais ouvidos gemem e suspiram de uma maneira desconhecida ao coração.

Em que livro mysterioso descobriu elle aquella nota, aquella combinação harmonica? Que ecco lhe revelou essas melodias que rebentam em motivos inspirados por entre trillos e escalas, por entre todo o fragor de uma execução maravilhosa, para diminuir e reboarem ao longe, como a tempestade que passa, e depois surdirem de novo, como sobregando a essa torrente de harmonias?

É esse o seu segredo. Elle não o revela.

Senta-se, e suavemente inclinado sobre o piano como

cia no seu estro potente, fantastico e excentrico a exaltação de Shakspeare com a idealidade de Hoffmann.

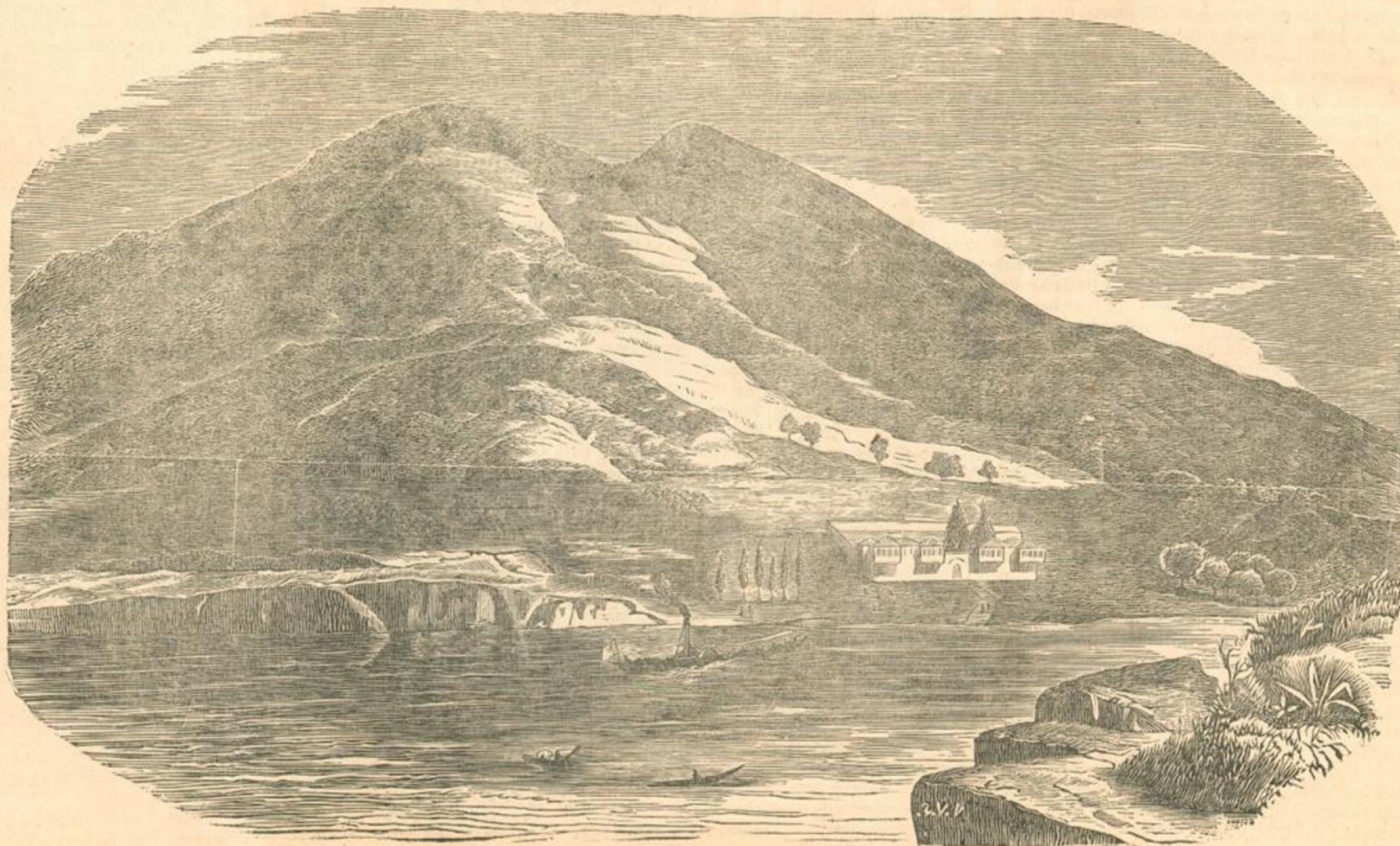
VII

Thalberg deu unicamente quatro concertos em Lisboa. N'elles reproduziu assuas melhores *fantasias*: as do *Elisir* e da *Norma* foram indubitavelmente as que grangearam mais vivos applausos. O genio do insigne pianista manifesta-se n'estas composições em todo o esplendor da originalidade que o distingue.

O seu quarto concerto porém não só nos revelou o artista, mas tambem nos ensinou a admirar o homem. Thalberg tem a alma de um verdadeiro artista: o producto d'este ultimo concerto foi votado por elle á sopa-economica, acto de phylantropia com que os poderosos da capital tem occorrido á miseria publica produzida pelos rigores da estação.



Um jardim na ilha do Faial.



Ilha dos Príncipes e o quartel dos prisioneiros russos.

que lhe vai comunicar o que se passa de poetico e melodioso em sua alma. Com os olhos inundados de mil reflexos que vivem do fogo da sua fantasia, com as mãos estendidas sobre esse mundo de sua criação que elle affaga e compulsa como uma parte do seu ser, toda a attenção é pouca para o acompanhar na expressão facil, mas attractiva que jámais o deixa. Não é o fogo da inspiração diabolica que lhe perturba as faculdades em delirio e irrompe pelo teclado como a lava que escalda os campos e abraza as arvores pela raiz; é a expressão suave e meiga, mas accesa por toda a vehemencia de um coração que palpita, que traduz Donizetti e Bellini, e que nos transmite todos os affectos, todos os segredos de um talento original.

Thalberg não desvaira, enternece; não accende e leva a desordem á fantasia, vai direito ao coração.

Approximando a sua indole artistica das espheras litterarias, pôde-se dizer que Thalberg é o Lamartine da musica, como o seu competidor, como Liszt consubstan-

Sua magestade o sr. D. Pedro v fez a mercê do habito da Conceição ao illustre pianista. É mais uma recordação que este talento leva da nossa terra, onde as artes são tão predilectas do povo como honradas pelos seus soberanos.

A estas horas Thalberg acha-se em Madrid. A recordação que deixou em todos os animos é sincera e lisonjeira para o eximio artista. O publico não applaudiu n'elle só o pianista consagrado pela admiração europea, admirou tambem o cavalheiro affavel e distincto pelos seus dotes de caracter.

ANDRADE FERREIRA.

O TENENTE-CORONEL MAGNAN — CHEFE DE ESTADO-MAIOR DA 4.ª DIVISÃO.

Nascido em Andelot (Haute Marne) a 18 de Fevereiro de 1815, este official tão notavel pelo valor e capacidade, frequentou a escola do exercito em 1832, passou para o curso de estado maior em 1835, e no anno de 1837 (3 de Março) começou o serviço no regimento de linha n.º 48.

Ardendo em desejos de se distinguir, e dotado de indole adequada á carreira, que preferio, requereu passagem para um dos corpos de operações da Argelia, e estreou-se logo em 1839 por um ferimento de balla na cabeça, devido á impetuosa valentia, com que se expoz. Citado na ordem do exercito por este feito assignalado, mereceu em recompensa, a 21 de Junho de 1840, a condecoração da Legião de Honra.

Servindo successivamente desde 1837 até 1842, no 4.º de caçadores de Africa, no 2.º de carabineiros, e no 4.º de couraceiros, em 1845 achava-se ás ordens do general Guesviller, no posto de capitão, quando o governo ottomano, propondo-se a crear em Constantinopla escolas militares, pediu ao marechal Soult dous officiaes de Estado Maior para serem nomeados directores. O ministro da guerra designou M. Magnan, e M. Mouginot.

As acertadas disposições dos dous francezes devem o ensino especial, que organisaram na Turquia, os progressos e o aproveitamento de tantos alumnos distinctos, que hoje figuram com louvor nas administrações e nos commandos do exercito do Sultão.

Apenas soaram os primeiros rebates da guerra do Oriente, Magnan foi enviado ao Danubio, para junto de Omer Pachá. Percorrendo a Bulgaria empregou-se em mandar reparar as praças desmanteladas, aperfeiçoando, e combinando o melhor systema de defeza.

Accommettido pelas febres perniciosas, que então grassaram, Magnan foi obrigado a recolher-se a Constantinopla, aonde Baraguay d'Hilliers lhe concedeu a licença de voltar a França, para se restabelecer.

Chegando a Paris, apresentou-se ao marechal de Saint-Arnaud, e apesar de ainda debil de saude não hesitou em tornar á Turquia, na idéa de obter o commando de uma divisão no exercito mussulmano da Asia; mas o Seraskier, informado dos seus talentos, não o deixou apartar nunca do seu lado, nomeando-o para uma comissão no seu ministerio.

O desembarque das tropas francezas em Gallipoli mudou a posição de Magnan. O principe Napoleão desejou tel-o ao pé de si, e pedi-o para servir na 4.ª divisão de que S. Alteza era commandante.

Depois de alguns mezes de laborioso emprego, em Varna e outros pontos, Magnan foi chamado por distincção ao quadro do estado Maior do exercito do Oriente em Agosto de 1854, e portou-se na batalha de Alma com o seu valor e bizarrria acostumada. O Sultão em premio, entregou-lhe o commando da divisão turca da Criméa, com o posto de general e o titulo de Daver-Pachá; e por fim em 26 de Mar-

ço de 1855, recebendo a patente de tenente coronel, passou para o quartel general do exercito alliado na qualidade de chefe de estado maior da 4.ª divisão do 2.º corpo, ás ordens do general Dulac.

Nos combates em que a divisão entrou, tomou sempre activa parte. Commandando a guarda das trincheiras, durante a noute de 24 para 25 de Agosto repelliu o ataque dos russos, ficando contuso no braço esquerdo, e sendo proposto por distincção para o posto de coronel.

No dia 8 de Setembro, a divisão Dulac assaltou o reducto pequeno, e diante do reducto mesmo, tres vezes combatido, é que o tenente coronel Magnan, á frente de uma brigada, recebeu o ferimento mortal já sobre o parapeito, e cahiu nos braços dos seus camaradas.

Uma balla á queima roupa varou-lhe o ventre, e tres dias depois, não lhe valendo os maiores disvellos, expirou com a consciencia de legar ao exercito e á patria um nome honrado.

A morte levou-o na epocha, em que a sua carreira lhe promettia mais. Nobre é generoso de caracter sabia conciliar o rigor da disciplina com o agrado das maneiras e a benevolencia do tracto. Era impossivel vel-o e não sympatisar logo com aquella phisionomia sincera e animada.

A sua perda cnstou ao general Dulac amargoso pesar, e os turcos, que lhe deviam tanto, não pronunciam ainda hoje sem saudade o nome de Daver-Pachá.

L. A. REBELLO DA SILVA.

A ILHA DOS PRINCIPES E O QUARTEL DOS PRISIONEIRO RUSOS.

Um pouco antes de se tocar no promontorio de Kadi-Keni, onde as casas de campo e os jardins se apertam sobre uma estreita lingua de terra, minada pelas vagas —

saíndo o Bosphoro, apparece-nos o mar de Marmara semeado de risonbas ilhas, que dormem em cima das ondas, com bellos neuphars, desabrochados ao esplendido sol do Oriente.

As ilhas dos Principes são sete, e o quartel destinado para os prisioneiros russos foi estabelecido na de Poinkipo.

É um lugar de delicias, onde elles naturalmente não suspiram pelo clima da Criméa, nem pelos encontros que os obrigaram a render a espada ao inimigo.

O MOSTEIRO DA BATALHA.

Na vespora da Assumpção da Virgem, 14 de Agosto de 1385, achava-se o Mestre de Aviz, já aclamado rei pelas cortes de Coimbra, nos campos de Aljubarrota, para se ver de rosto com o grande poder que o rei de Castella guiava contra elle, para lhe disputar a coroa.

Ambos os contendores tinham resolvido entregar a decisão do pleito ao exito de uma batalha ferida a todo o trance.

D. João I contava ao todo mil e duzentas lanças, oito centos besteiros, e quatro mil homens de pé.

Os inimigos vangloriavam-se de trazerem mais de cinco mil lanças; entre castelhanos, e cavalleiros francezes e gascões, dous mil ginetes, oito mil besteiros, e quinze mil de pé.

A desproporção era immensa, e animos, que fossem menos firmes, do que o condestavel e o filho de el-rei D. Pedro I, já antes de se cruzarem os ferros, dariam a pelleja por perdida.

Mas a viva fé no auxilio de Deus, e o amor da independencia da terra natal, retemperou de mais vigor ainda aquelles corações, que o perigo e a desigualdade do numero, estimulavam, em vez de abaterem.

Nuno Alvares Pereira, no viço da sua robusta mocidade corria por entre as fileiras, inspirando a quantos o viam o esforço, que alentava a sua alma heroica. Uma jaqueta de lã verde bordada de rozeiras, desenhava-lhe o corpo, e sobre ella vestia cotta, arnez, braçoes e grevas, com o estoque e a adaga ao lado.

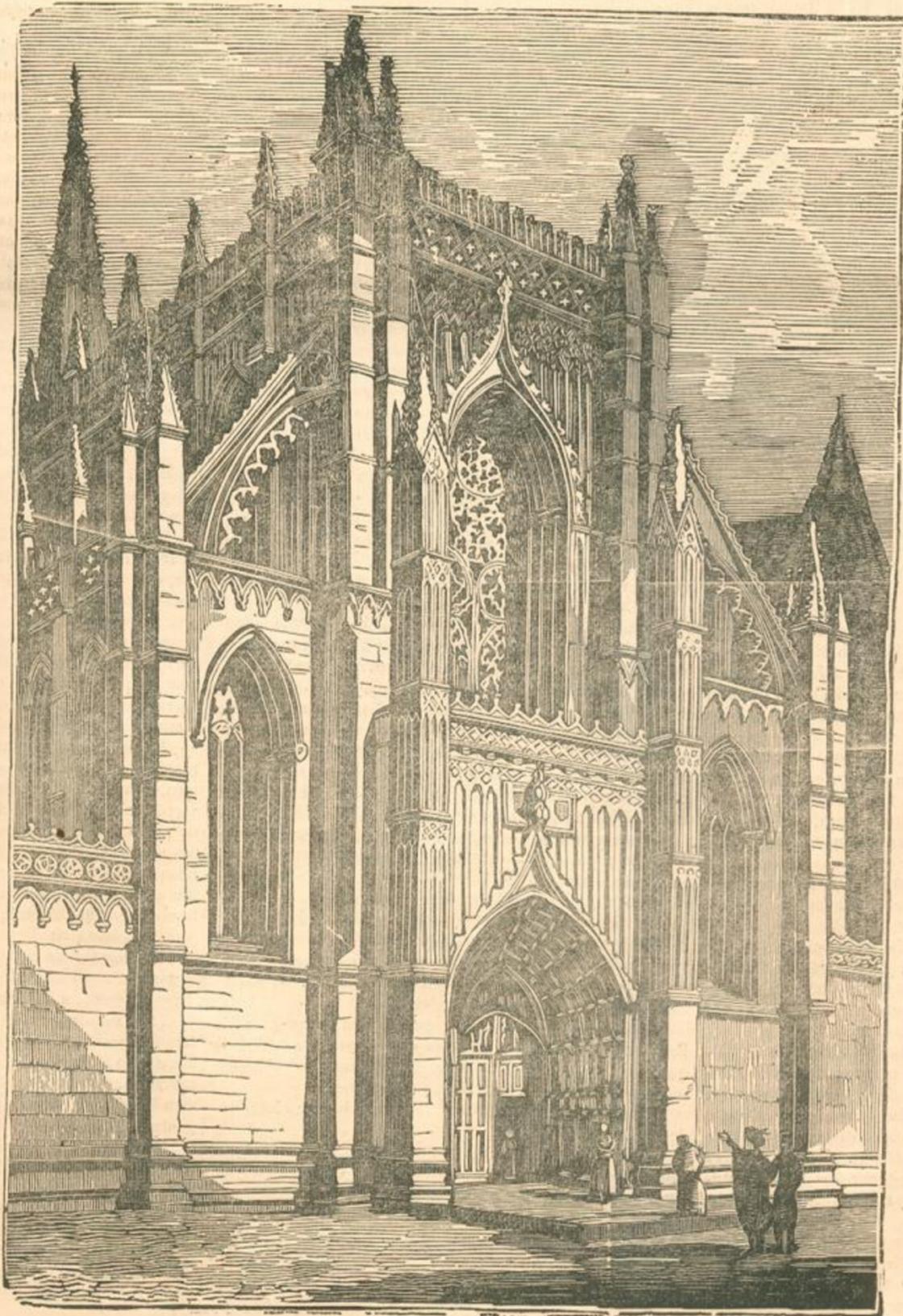
A bandeira do condestavel, ondeava com a briza, ao soz esplendido e abrazador do estio, no sitio, em que depois a piedade do guerreiro victorioso erigiu a devota ermida de S. Jorge, padroeiro dos portuguezes, porque Sanctiago era invocado como seu defensor pelos castelhanos.

O Mestre de Aviz, ainda maneebo na idade, e ardendo em desejos de assignalar por um bello feito o seu nome, e a dignidade real, que acabava de acceitar, alçava o seu pendão no meio de setecentas lanças escolhidas, e soffreava a cada instante o corsel, não menos impaciente, do que o senhor, de topar em cheio com os esquadrões do estrangeiro, cujas trombetas soavam ao longe, em desafio, com brava alegria.

Quando o exercito do rei de Castella, começou a apparecer, e os olhos poderam apreciar em grosso aquella multidão armada, que não carecia senão de estender as alas, e de estreitar nos braços de gigante o pequeno vulto da hoste portugueza, para a suffocar, nem os capitães, nem os cavalleiros, nem mesmo os homens de pé mais humildes, recuaram um passo, ou sentiram esfriar no peito a chama do enthusiasmo, que os sustinha ali tão poucos, mas tão seguros, para darem com a espada em punho o ultimo desengano ao invasor.

Mostrava-se tão vistosa e bisarra a ordenança das batalhas castelhanas, que em presença d'ella, diz o chronista Fernão Lopes, os portuguezes não pareciam mais do que o lume de uma pobre estrella diante da claridade da lua, em noute de mais resplendor.

Tinha o seu posto na vanguarda, em um plaino cuberto de urzes verdes, no meio da estrada por onde haviam de desembocar os adversarios.



O Mosteiro da Batalha.

O dia já declinava quando os frecheiros, retesando os arcos e armando as bestas, despediram contra os inimigos uma chuva de setas e de virótes, e quando no meio dos apupos e alaridos d'elles, que o condestavel comparava a um pouco de vento, apenas digno de desprezo, invocando S. Jorge e Portugal, as boas lanças de Nuno Alvaes se foram encontrar com as contrarias, travando logo a mais formosa e ardida pugna.

Todos sabem como ella terminou, e as proezas que immortalizaram o glorioso monarcha, e os seus companheiros d'armas, consagrando pela victoria o seu direito ao throno, e a liberdade da patria.

Em quanto a flor do immenso poder de Castella, ficava nos campos de Aljubarrota, cortada pela espada dos guerreiros de D. João I, o rei estrangeiro ia esconder a sua vergonha atraz das ameias de Santarem, e o lucto e as lagrimas amaldiçoavam no seio das familias mais nobres a temeridade da sua ambição.

Quando as trevas da noite cerraram, do que horas antes fora um grande e bem ordenado exercito, só se viam armas e lanças em montões, cavallos e cavalleiros mortos ou murrubundos, e ao largo e bem longe, pela campina adiante, a perder-se de vista, troços errantes de fugitivos, que os vencedores perseguiram com a espada alta, a todo o galope dos corseis.

A grandeza do successo não deslumbrou o Mestre de Aviz.

Pondo toda a esperança em Deus e na Virgem, acomettiera sem receio, e triumphara sem espanto. Antes de calar a viseira, e de entrar na batalha, religioso e crente, como eram n'aquelle tempo de viva fé os corações mais elevados e robustos, D. João I fez o voto solemne de levantar um sumptuoso templo á Virgem, Mãe Deus, se por sua intercessão saísse vencedor; e dous, ou quando muito tres annos depois, segundo as mais acertadas conjuncturas, principiava já a cumprir a promessa, não se esquecendo nos dias prosperos do grito de angustia, que soltára no segredo do seu peito, durante as horas de anciedade, em que via sobre si quasi um imperio, e em que todos dirião, que só a idéa da lucta equivalia a tentar a Deus, medindo-se com o impossivel.

Que importam vozes vans, e loucos juizos do vulgo! Os poucos derrotaram os muitos: e por um milagre de valor e ousadia a corôa de Affonso Henriques firmou-se no elmo do filho de Pedro Crú.

O monumento erigido para servir de padrão ao valor portuguez, de memoria á independencia nacional, foi digno do príncipe e da grande epocha, que elle abriu n'aquelles campos: pela sublimidade e primor da execução, merece o assombro dos estranhos, e o justo orgulho dos conterraneos.

A epopeia das armas teve no livro de pedra da architectura gothica outra epopeia, não menos grandiosa.

O mosteiro de Sancta Maria da Victoria, usualmente chamado o convento da Batalha, é o brazão de um nobre feito, e ao mesmo tempo o testemunho do que sabe e alcança a arte, quando ao sentimento patriótico une o sentimento religioso.

O cinzel que escreveu no marmore aquella pagina admiravel era irmão da penna, que traçou no papel, e divulgou nos typos o canto dos Lusíadas.

Affonso Domingues, e Luiz de Camões são dous poetas sem rival, os ultimos da raça, crente e heroica, que levou a todas as partes do mundo as quinas portuguezas, hasteando-as triumphantes desde Ceuta a Arzilla, até Malaca e Ormuz, desde Safim e Tanger até aos sertões da America, e ás praias inhospitas dos africanos.

Querendo levantar o edificio nas visinhanças do sitio, onde tinha sido dada a batalha, D. João I escolheu um valle, regado pelo rio Lena, e comprou a Egas Coelho e Maria Fernandes de Meira sua mãe, a *Quintã do Pinhal*, como consta da Doação, que fez ao mosteiro, datada de 14 de Agosto de 1434, em Coimbra.

Esta quintã abrangia o local, em que se construiu o convento, parte da cerca actual, e o chão, onde se armaram telheiros para a execução de tamanha obra.

À medida, que os trabalhos diminuiam, aforava-se a particulares a terra occupada pelas officinas, com a clausula expressa de fazerem casas.

A povoação correu assim; e hoje a villa, e o seu termo, não comprehendem menos de 1:062 fogos, que formam a freguezia de Santa Cruz.

O primeiro mestre, que dirigiu a fabrica do vasto, e complicado monumento, o auctor do risco desta maravilha da architectura religiosa e das crenças heroicas do velho Portugal foi Affonso Domingues, poeta pela imaginação e cavalleiro por sangue e brios.

A tradição, talvez para exaltar o artificio da abobeda suspensa da casa do capitulo, que por duas vezes desabara ao tirar dos simples segundo se conta, attribuiu a gloria da difficuldade removida ao engenho de Affonso Domingues, já cego, e dourou a lenda com o voto, que deu causa á morte sublime do velho architecto, por tres dias sentado debaixo daquellas pedras, em jejum natural, para que ellas o sepultassem para sempre, se por deshonra sua tornassem á cahir.

O formoso romance da « Abobeda » publicado no *Panorama* pelo sr. A. Herculanó, tirou da narração popular um dos primores da escola moderna, e o modelo perfeito desses paineis inspirados, que Villemain nos cita como a melhor e a mais fiel interpretação da historia d'uma epocha.

Affonso Domingues parece ter sido substituido na direcção das obras por mestre David Ouguet; e depois deste foram seguindo-se todos os outros, que ennumera a curiosa memoria do erudito Cardeal D. Francisco de S. Luiz inserta no tomo IX, parte I, da collecção da Academia Real das Sciencias, aonde se encontrará apurada noticia dos reinados e do tempo, em que se construíram as diferentes partes do edificio, a historia critica delle e de cada uma das secções sobre si, e instructivas investigações acerca do estado das artes e officios, que lhe dizem respeito nos seculos XIV e XV.

El-rei D. João, ja levava larga e adiantada a construcção do magnifico templo da Batalha, quando o doou á ordem de S. Domingos por carta, de 4 de Abril de 1388, lavrada na cidade do Porto a pedido do seu confessor fr. Lourenço Lampreia, e do doutor João das Regras.

Quem diria ao fundador de Santa Maria da Victoria nesse momento, que a penna de um frade do mesmo habito, cavalleiro e fidalgo antes de se amortilhar no escapulario e na cogula monastica, havia de competir com o cinzel dos seus esculptores, e pintar no livro o que elles abriram na pedra, empregando cores de estylo tão finas e claras, que uma segunda maravilha de arte nascesse da primeira?

Quem viu o quadro do mosteiro, desenhado pela penna elegante de fr. Luiz de Souza, e o comparou com o monumento, não desmentirá a asserção, que arriscámos. Em auctor, que tão formosa e alta sabia pôr a lingua portugueza, e que tantas paginas, quasi inimitaveis nos deixou, que retratam com rara viveza toda aquella prodigiosa fabrica, não são de certo menos delicadas e admiradas!

Ouçamol-o, descrevendo, pintando antes, a frontaria principal do edificio, representada na nossa estampa:

« Da parte de fóra da igreja ha duas entradas, uma que faz a porta principal, e outra a travessa, que toma o topo do cruzeiro fronteiro ao altar de Jesus... O portal e frontispicio da principal merecia só um livro pela qualidade da obra se houveramos de particularizar tudo o que n'ella ha de columnas, de figuras, de labores e variedade de feitiços desde a primeira pedra, que descobre sobre a terra até ao remate, que levanta grande altura sobre a maior abobeda. Porque cada palmo tem tanto que ver de delicadeza e artificio, de trabalho e magestade, que considerado com attenção impossibilita o engenho, e embota a poesia, para o declararmos, e se entender com todas suas partes. Só um espelho, que se abre no alto em meio do frontispicio, para dar luz dentro, parece que se não podia obrar com mais subtiles e cuidado em trançunhas de agulha ou em lavor de cera, ou no espelho de uma viola: e quadra-lhe bem esta ultima comparação pela forma circular e redonda, e pela representação e miudeza do feitiço. Os vãos, que na viola ficam abertos para dar lugar ás vozes, que forma no interior, ficaram cá cerrados de vidraças... debuxadas de côres finas e pinturas de varias armas e devisas do reino, de tenções e emprezas de elrei. E como são muitos os vãos por que o circulo é muito dilatado, communica dentro muita claridade, e paga com a graça das côres o que ellas lhe diminuem na pureza da luz... »

« Não será desagradavel declararmos a medida de algumas que fizemos tomar, para credito do que dizemos, por mão de architecto. No alto da nave do meio ha 16 frestas, a 8 por banda, que sobem 18 palmos até aos capiteis, e tem de largura 9, dividida cada uma com 2 pilares, da grossura de um palmo cada pilar, para firmesa das vidraças... »

O interior da igreja corresponde á magestosa apparencia de todo o edificio, descripto por Fr. Luiz de Souza.

Só o corpo d'ella, desde a porta principal, aberta ao poente, e correndo contra o nascente, segundo o costume dos antigos templos, mede 300 palmos de comprimento até ao primeiro degrau da capella mór; e juntando-se-lhe os 60 que vão d'este degrau até á parede, a que se encosta o altar mór, perfaz 360.

A largura é de 100 palmos. A altura, até ao ponto mais subido da maior abobeda, alcança 146.

O cruzeiro tem de largo 30 palmos, correspondentes á quinta parte da sua extensão, que é de 150; e a frontaria d'elle a um e outro lado da capella mór, acha-se dividida em quatro capellas, duas por banda.

Não insistiremos, notando mais particularidades.

Confiamos, que o acolhimento publico permittirá ao nosso jornal o desempenho das obrigações que aceitou, e a reproducção dos monumentos da architectura nacional é das que pedem maior deligencia.

As diferentes partes, que embelesam o convento da Batalha não podem omittir-se sem reparo, e á medida que a estampa as fór divulgando, acompanhá-las-hemos sempre da historia e descripção do mosteiro.

É a maneira opportuna de tornar visiveis e claras todas as suas formosuras.

A elevação e sublimidade de pensamento, que inspiram a epopeia de pedra de Santa Maria da Victoria, e a grandiosa expressão que tomou o marmore, crescendo da terra em lavradas moles, diz tanto ao espirito e ao coração, apenas se contempla, que a poesia d'aquelle epocha cavalleirosa, unida á união do sentimento religioso, arrebatam, deslumbra e confundem o observador.

A admiração do bello, diante de uma das suas mais perfectas manifestações sobressalta a alma, e leva-a consigo atraz da vista.

A Batalha, como a cathedral de Paris, merecia, que o pincel encantado de um novo Hugo a levantasse na tela maravilhosa do romance.

L. A. REBELLO DA SILVA.

UMA VIAGEM PELA LITTERATURA

CONTEMPORANEA.

(OFFERECIDA AO SR. A. HERCULANO)

J. S. MENDES LEAL JUNIOR.

No *Panorama* tentamos já esboçar uma apreciação de Mendes Leal como poeta dramatico, marcando-lhe ahi o lugar a que o numero e a qualidade das suas obras, a feição e fecundidade do seu talento lhe dão incontestavel direito. Passamos agora a estudal-o como poeta lyrico, que é talvez o seu principal caracter e superior vocação.

O que é o poeta? Pontmartin, diz: « Poeta é o homem que tem melhor do que todos nós, o sonho e a imagem, o sentimento e a sensação; a faculdade da vibração intima de que todos possuímos a origem; é o homem que sabe fazer da sua impressão individual, parte da nossa, e que levantado em frente dos espectaculos exteriores «ou dos phenomenos da alma, interpreta o que nós vemos «pelo que elle vê, o que nós sentimos pelo que elle sente. »

Esta definição singela é a mais verdadeira e real de que temos conhecimento. Ninguém melhor que Mendes Leal, possui estes dous em tão subido gráo. Raros pintam como elle as dôres, revelando as illusões, as lagrimas, as descrenças, a saudade, e a paixão — finalmente todo o sentir do coração humano. Inspirado pelo seu proprio, eleva o canto com elle; pranteia e sorri, do sorriso e do pranto que ali lhe trasbordam. Traduz com as côres que deslumbra de vivas, as diferentes sensações que experimenta. Se é sublime cantando feitos e glorias, é sentido gemendo saudades. Se é magestoso e heroico divinizando o valor, é doloroso e pungente chorando como o Propheta sobre o aniquilamento. Da austera e serena contemplação das maravilhas de Deus e dos prodigios da natureza, recebe Mendes Leal a inspiração, reproduzindo essas grandes scenas em todo o seu esplendor. Possui igualmente a graça, e a energia, bem que a energia domine habitualmente nos seus quadros.

A poesia degenerava entre nós. A excepção de quatro ou cinco poetas, que mereceram verdadeiramente este nome, por que, seguindo os bons preceitos, souberam modular as aspirações entusiasticas das suas almas, deixando-se ás vezes levar agradavelmente do arrojo de um pensamento ousado, os mais não só degradavam a poetica nacional, mas indispunham o leitor intelligente, pela falta de bom senso, pela viciosa locução, pela ausencia de idéas e pelas grosseiras imperfeições de fórma. Mendes Leal, em presenca dos monumentos da alta e culta poesia, que os antigos nos legaram, que em parte Garrett restaurou, indignou-se vendo a musa portugueza reduzida ao simples mister de cantar quasi exclusivamente o malmequer e a bôniua, mais como um tractado de floricultura vulgar do que como manifestação das inspirações de um povo, e pretendem restituír-lhe o esplendor a que chegara nas mãos dos grandes mestres, como elemento de gloria nacional, como estímulo civilizador, como padrão immortal.

Mendes Leal, entendeu que a poesia, devia afastar-se da trivialidade e recordando-se do sensato preceito francez, que diz: *du sublime au ridicule il n'y a qu'un pas*, evita esse escolho fatal em que naufragam muitos dos melhores. A sua musa, que odeia tudo o que é banal e vulgar, procurou assumptos verdadeiramente grandiosos, buscando sempre elevar-se á altura d'elles. As suas poesias juntam ao brilho da idéa a profundidade do sentimento. A correcção, a harmonia, a elegancia e a firmeza, são os seus distinctos caracteres.

Nas *Indianas*, a primeira e unica publicada, é admiravel, como execução, como côr, como pittoresco desenho, como arrojada phantasia. Mendes Leal, parece ter vivido n'aquelle terra de fulgores, de voluptuosidade e de prodigios. Nas suas descripções em que ha muitas vezes uma temeridade feliz, parece ora sentir-se o vertiginoso sópro do tufão, ora espriar-se o religioso silencio dos palmares. As pedras preciosas como que lhe esmalta a imaginação inexgotavel engastando-se-lhe em fulgurantes imagens.

Eugéne Geruzex diz: « o objecto da poesia multiplica-se; o espirito poetico está em contacto com tres mundos diversos, a humanidade, a natureza e Deus: é n'essas tres fontes que elle se sacia e embriaga. » Mendes Leal, tem feito vibrar por todas estas fórmas, as cordas da alma, excitando a admiração, o terror, a sympathia, arrancando lagrimas, fazendo desabrochar em tremulos labios o sorriso languido, e algumas vezes provocando o riso de bom gosto.

As grandes faculdades poeticas de Mendes Leal, não soffrem contestação: todos lh'as tem confessado. O primeiro em reconhecê-las era o visconde d'Almeida Garrett, o mais competente de todos os juizes, o chefe a quem succedeu no consenso unanime dos seus pares.

Lembra-nos que uma vez tivemos a honra de ouvir recitar com elle, n'um camarote, a conhecida ode intitulada *Ave Cesar* e ouvimos-lhe exclamar, arrebatado e espontaneo:

« Não pagar o paiz, a este homem só para fazer d'estes

versos! É pena não se poder viver d'isto em Portugal! Mendes Leal é um bello e grande poeta!»

N'estas palavras está o seu maior elogio. O mestre maravilhava-se de ouvir as estrophes sentidas do poeta a quem elle primeiro saudára e gloriosamente baptisára.

Quem, como nós, teve a rara felicidade de conhecer Almeida Garrett, e de passar algumas noites na sua companhia, quando elle era a alma d'essas conversações pittorescas da nova phalange litteraria, difficil de repetir-se depois da sua falta, porque faltando o centro, todos se dispersáram, é que pôde apreciar devidamente o que valiam taes palavras n'aquella boca.

Desconhecia tanto a lisonja como a inveja. Quando não gostava, callava-se, o seu silencio era uma condemnação. Nem sempre censurava e quando o fazia, a sentença era justa. Calculava as palavras e não era prodigo d'ellas; mas valiam o que elle sabia fazer-lhes valer. Essas noites, tão agradavelmente passadas em casa de Francisco Gomes d'Amorim, hão de viver sempre na memoria dos que tiverem a ventura de gozal-as. Foram a sua despedida á sociedade litteraria, a só que lhe não abandonou o leito da dôr. O paiz perdeu um homem celebre; nós um mestre venerado. Conversando instrua-nos; aconselhando, animava-nos. O homem morreu, mas o mestre vive para nós, — vive e vivirá nas paginas que nos legou.

O lyrismo de Mendes Leal participa do de Lamartine e Victor Hugo, prevalecendo quasi sempre este ultimo, sem deixar nunca de ser portuguez, cunhando a locução pelos modêlos da lingua: — era ainda a opinião do Visconde! Pairava ás vezes como o cysne do lago; mas compraz-se mais nos vôos arrojados da aguia. Ama o brando susurro do regato; mas prefere suffocal-o com o grandioso rugido do oceano; ao correr limpido da veia chrystalina antepoem o temeroso combate das vagas. Mendes Leal porem distingue-se por uma feição dos dois lyricos francezes: quando falla ao entusiasmo falla tambem ao coração; tem a força e tem a fé.

A primeira indiana, *Vasco da Gama*, realça-se entre muitas poesias de Mendes Leal, pelo vigor do pensamento, pelo esplendor da idéa, e pela fecundidade das imagens. Recordar os feitos gloriosos de Portugal, enriquecidos por mais d'uma tradição heroica, foi o seu fito principal. Era volver a poesia á grande missão que ella teve nas mãos dos rhapsodes e dos bardos, de Homero e de Ossian.

É cheia de amargura e traspasada de dôr esta estrophe, com que o poeta abre a ode, assentando desde logo um contraste cheio de effeitos n'um movimento original, quando primeiro que celebre as altas glorias passadas, lamenta o presente d'esta terra que já foi tanto e hoje se vê reduzida a tão pouco!

Foi-se a tempera dos peitos
Dos portuguezes leões!
Nem eu sei de que eram feitos
Seus robustos corações!...

Na segunda estrophe, Mendes Leal, verdadeiramente apaixonado por esse esforço sem rival, por essa sêde de grandes commettimentos que a fé inspirava e tão bem se symbolisava em Vasco da Gama, diz dos brazões illustres ganhos á ponta do ferro por estes homens incomparaveis:

Foi-lhes nas faces graval-os
A Cimitarra sem dó;
E tão fundo, que apagal-os
Nunca ponde, o sangue e o pó!
E eram todos pela frente,
E cada um d'elles, potente,
Pelos heroes do occidente,
Ao mundo fallava, — só!

O vivo amor da patria, o respeito profundo por estas nossas glorias passadas, unico lenitivo actual, rebentam sempre entusiasticos e ardentes do coração do poeta! Leia-se a seguinte estrophe, e veja-se que brado elle solta soberbo, orgulhoso, inspirado, verdadeiramente sublime:

Dae lugar, nações absortas,
Dae-nos o nosso lugar
Vai abrir do Oriente as portas
O capitão d'além-mar!
Esse feito audaz, que inflamma,
Foi preciso á nossa fama,
Para comettê-lo um Gama;
Um Camões para o cantar!

Nos seguintes versos retracta Mendes Leal, em poucos traços, mas de admiravel firmeza, um dos grandes colossos d'aquelle seculo, um dos maiores vultos da nossa historia:

Quando a juba sacudia
O Leão occidental,
Goa arfava, Adhem tremia
No seu leito de chrystal. —
Heroe, n'um gesto grandioso
Do teu braço glorioso,
Chamaste um rei venturoso,
Fizeste um povo immortal!

Esta poesia, como n'estas citações se pode avaliar, é magestosa, grave, energica e brilhante.

Mendes Leal é na realidade o mais variado dos nossos poetas. Sabe elevar-se sem esforço á eloquencia viril

que incendeia, e deslizar naturalmente á graciosa meiguice que affaga. Sabe desenhar correctamente e commover com doçura. É vehemente, é mavioso e pathetico. Lendo-o gozamos do que a voluptuosidade do espirito, tem de mais delicado e saboroso.

Em annos de chocarreira prosa, como estes nossos, o homem que sem esquecer de todas as prosaicas realidades da vida, tem animo ainda para nas horas de intimo recolhimento, exhalar em canticos ferventes e esplendidos, os pensamentos que lhe esvoaçam pela mente, povoandolha de imagens simultaneamente phantasticas e verdadeiras, é por força uma alma á parte, um d'aquelles elleitos de que falla a sabedoria, o predestinado a glorificar as nações; e esse é o verdadeiro poeta! A imaginação de Mendes Leal, n'essas horas d'ênlevo, deixa a terra, e os seus vôos, rasgados e brilhantes, devassam o infinito. O limpido azul do ceu, o pallido clarão da lua, o scintillar das estrellas, o bruxulear do crepusculo, os prodigios da natureza, e as maravilhas do Creator, attraem as suas fogosas aspirações. A idealidade percorre os espaços sem fim, abysma-se na contemplação da religiosa magestade d'esses phenomenos inexplicaveis e magnificos; entôa essas harmonias mysticas e solemnes que Deus lhe fez vibrar no coração privilegiado que a sua propria mão dotou como para servir de sacerdote ao culto da gratidão humana. Aquecido do fogo divino, estes raios illuminam-lhe a alma, e reflectem-se nos seus devaneos: Mendes Leal sabe tambem unir á profusão das pinturas naturaes, a elevação dos espiritalistas fervorosos e sinceros. O christianismo é sempre interpretado por elle na sua mais larga, mais pura, e mais generosa e fraternal significação.

Abdel-Kader, o ultimo cavalleiro arabe, é uma scena em verso, esplendida de riqueza de pensamento, de fresca louçania e de perfume oriental. O poeta não é exclusivo. Admira tambem a audacia do mahometano, ainda inspirada pela crença, do derradeiro d'uma grande raça. Da longa geração de Boabdil desterrado resta um só em Africa, e desaparece enovelado no turbilhão occidental. É soberbo este fim; é um espectáculo cheio de seducção para as imaginações arrojadas. Chateaubriand tinha já cantado o ultimo dos Abencerragens; isto é, o ultimo dos cavalleiros arabes de Hespanha; Mendes Leal cantou o ultimo dos cavalleiros arabes de Africa. Em Africa como em Hespanha só ficará collonos. O vulto de *Abdel-Kader*, fanatico, intrepido, cruel e generoso ao mesmo tempo levanta-se em bronze na poesia de Mendes Leal. Vêde com que desdem soberbo elle falla das desbotadas vaidades do homem do occidente n'estes quatro versos:

Não lhe accende o coração
Este sol, que se elle inflamma,
Faz cada lingua uma chama,
Faz cada peito um vulcão!

A alma guerreira de *Abdel-Kader*, o ultimo lampejo da chamma do islamismo que o abraza, vivem n'esta estrophe:

Eil-o, ainda aos ceus erguido
O signal da nossa fé;
Errante, e sempre temido,
Proscripto, e sempre de pé!
N'esta sagrada bandeira,
Nossa esp'rança derradeira,
Ninguem mais ouse pôr mão;
E, se eu cair na batalha,
Sirvam-me emfim de mortalha
As dobras do meu pendão.

O heroe, que a Europa admirou, só assim devia querer morrer, involto no glorioso sudario do estandarte que tantas vezes arvorára indomavel, e longamente indomado nos pincaros do Atlas, nas agruras da Kabylia, e nas profundidades do deserto. A figura meio-prophetica, meiguerreira d'*Abel-Kader*, carecia d'um pincel singularmente brilhante e vigoroso no colorido para o retratar e achou-o em Mendes Leal. Esta poesia entre as infinitas do author, por que só analysamos as principaes, é das que tem mais admiraveis trechos, e talvez mais que nenhuma rasgos dignos de Victor Hugo.

Continúa.

ERNESTO BIESTER.

VIAGENS.

ILHAS DOS AÇORES.

(Continuado do n.º 8.)

Deve-se aqui recordar com saudade o que a respeito da ilha Graciosa escreveu um dos mais celebres escriptores francezes deste seculo, o sr. visconde de Chateaubriand.

« Falto d'agua, e de provisões frescas (diz elle) e achando-nos na primavera de 1791 na altura dos Açores, resolveu-se que tocássemos alli. No navio em que eu então passava á America, iam muitos padres francezes, que emigravam para Baltimore, sob conserva do superior San... M. N. Entre estes havia alguns estrangeiros, principalmente M. T. joven inglez de excellente familia, que ultimamente se convertera á religião romana. — Em 6 de maio perto das oito horas da manhã, descobrimos o pico da ilha do mesmo nome, que dizem (não) excede a altura do de Tenerife; e bem depressa avistámos uma terra mais baixa: entre onze horas e meio dia ancorámos em

má enseada, de fundo de rocha, e quarenta e cinco braças d'agua. A ilha Graciosa, ante a qual fomos fundeados, nos apresentava colinas de contornos esphericos, á feição de elipses de amphora etrusca, revestidas de trigos verdes, dispargindo agradavel cheiro frumentaceo, peculiar ás ecáras dos Açores: viam-se em meio destes tapetes muros ensossos, formados de pedras volcanicas bipartidas nas cores branca e preta; sobrepostas umas a outras: figueiras selvagens com suas folhas violetas, e pequenos figos purpurinos, dispostos sobre os ramos, como contas d'um rosario, estavam aqui e alli dispersos pelo campo; e no cume d'um outeiro um convento monumtado d'antigo mundo em solo recente: os tectos avermelhados da villa de Santa Cruz miravam-se na enseada pedregosa da fralda. Com seus recortes de bahias, cabos, calhetas, e promontorios toda a ilha reflectia nas ondas a paizagem invertida: rochas apumadas sobre as aguas lhe formam o cinto exterior: no fundo do painel rasgando por detraz da Graciosa a perspectiva aerea, a forma conica do vulcão do Pico se projecta sobre cupulas de nuvens. Um mar esmeralda, e um ceu do mais puro azul formava o fundo da scena; ao passo que algumas aves aquaticas (goelands, mauves blanches; cornilles marbrées des Açores) vogavam lentamente, piando debaixo do navio ancorado; e cortando a superficie das vagas com suas grandes azas recurvadas a modo de foice augmentavam á roda de nós a bulha, o movimento e a vida. Decidiu-se que eu, Tulloch, e o segundo capitão fossemos a terra: lançámos lancha ao mar e eis-nos caminho da praia distante cerca de duas milhas. Enxergámos para logo movimento na costa, e vimos dirigir-se-nos uma barcaça que chegada a alcance, conhecemos trazia bom numero de frades, que nos chamaram á falla em portuguez, italiano, inglez, e francez, e a quem respondemos nestas mesmas quatro linguas. Em terra havia alarme: jamais embarcação d'alto porte havia antes de nós fundeado nesta tão perigosa enseada; acrecendo verem agora os insulares pela vez primeira tremular o pavilhão tricolor, ignorando se eramos saídos de Tunis ou de Argel. Neptuno desconhecia este pavilhão tão gloriosamente trazido por Cybele. Quando se desenganaram de que tinhamos figura humana (*figura rethorica do stylo*) e intendiamos quanto nos diziam, a alegria foi extrema: os frades nos receberam no seu barco, e remamos contentes para Santa Cruz, onde saltámos com algum custo por causa de violenta resaca. A ilha em peso (*ampliação*) correu a vernos: quatro ou cinco aguazais armados de chuços ferrugentos nos cercaram, e com o uniforme de sua magestade (*christianissima*) que me conciliava particularmente as honras, tive que passar pela pessoa mais qualificada da deputação. Levaram-nos a uma má casa, residencia do governador; onde sua excellencia vestido com má farda verde, outr'ora agaloada d'ouro, nos deu audiencia solemne e nos permittiu fazer provisão de vidualhas. Os religiosos levaram-nos ao convento, edificio de varandas, commodo, e bem allumiado. Tulloch encontrara um compatriota: o superior que tanto se interessava por nós fóra marinheiro de Jersey, em navio perdido na costa da Graciosa. Escapando só elle do naufragio e mostrando-se docil ás lições dos catechistas, porque lhe não faltava intelligencia aprendeu o portuguez e alguns vocabulos latinos, com o que, e com o abono da sua qualidade de inglez, depois de o converterem fizeram delle um frade. E em verdade o marinheiro de Jersey hospedado, vestido, e alimentado á custa do altar, achava isto mais suave do que ir ferrar a toda a pressa joanetes. Lembrava-se ainda da sua antiga profissão; e, havendo muito que não fallara a lingua natal, estava por tal forma encantado de encontrar quem o entendesse, que ria e jurava como verdadeiro marinheiro, e nos levou a pessejo pela ilha.

« Metade da Graciosa, sem exaggeração pareceu-me povoada de monges; e o resto dos habitantes lhes deve pertencer por ternas ligações. A este respeito não só tenho a confissão de muitas mulheres mas o que com os proprios olhos vi me não deixa duvida alguma. Passo em silencio muitas anecdotas galantes, e para dar idéa da ignorancia em que estes bons frades permaneciam no fim do seculo xviii bastará a seguinte passagem. — Tinham-nos conduzido misteriosamente ao pé do pequeno orgão da igreja, crendo que jamais tinhamos visto tão raro instrumento. O organista com ar triumphante poz-se a tocar uma miseravel ladainha de sensaborias de cantochão procurando ler-nos nos olhos a admiração. Deixámo-nos parecer extremamente surprehendidos! Entretanto T. aproximou-se modestamente propondo-se ferir as teclas com o maior respeito; mas o organista lhe fazia signaes, que queriem dizer *tende cuidado!* — T. não pôde resistir-se, e immediatamente rompeu a harmonia d'uma celebre passagem de Pleyel! Seria difficil imaginar scena mais divertida: o organista era meio prostrado por terra; os monges pallidos e bocqui-abertos; os leigos faziam á roda de nós ridiculas visagens d'admiração!

« As casas das aldeias, edificadas de pranchas e pedra, se embelezavam com alpendres exteriores mui allumiados o que dava ás cabanas certo ar d'accio saudavel. Os camponezes, quasi todos vinhateiros, appareciam meio nus e bronzeados pelo sol: as mulheres, d'estatura baixa, cor amulhada, mas vivas, mostravam-se ingenuamente galanteadoras, com seus ramilhetes de sylindra, e seus rosarios á guisa de coroas ou cadeas.

« Os declives dos outeiros brilhavam com as cepas, cujo vinho rasteja o do Fayal? A agua é rara, mas onde quer

que surge fonte, ali cresce uma figueira, e se alevanta um oratório com portico pintado a fresco, cujo arco serve de caixilho a alguma perspectiva da ilha, ou a porções do mar. Foi sobre uma destas figueiras que eu vi posar um bando de germanos azues, não palmípedes. A arvore despida de folhas, mas com fructos avermelhados engastados como cristas, adornada agora de passaros ce-ruleos com as azas estendidas, parecia ter-lhe brotado de repente folhagem azul, que mais realçava aos olhos a brilhante cor de purpura dos fructos.

«E provavel que os Açores fossem outr'ora conhecidos dos carthagineses, e é certo (não é) que na ilha do Corvo se encontraram soterradas algumas medalhas phenicias. Os navegantes modernos, que primeiro aportaram a esta ilha, dizem que nella acharam uma estatua equestre, com o braço direito estendido, e mostrando com o dedo o occidente; se é que tal estatua não é a gravura de invenção, que decora os antigos roteiros. No manuscrito dos *Natchez* suppoz que Chactas regressando da Europa desembarcára na ilha do Corvo, e alli encontrára a estatua misteriosa; e então puz na bocca delle, nos seguintes termos, a expressão dos sentimentos que ao recordarme da tradição, me preocupavam na Graciosa: — «Chego ao pé daquelle extraordinario monumento: por entre a branca espuma que lhe banhava a base, diviso certos caracteres desconhecidos: o restante estava coberto de hervas parasitas, e carcomido do sal marinho. Empoleirado na cimeira do cavalleiro, o maçarico derramava de tempos a tempos alguns gemidos. Tinha o cavallo as crinas e os ilhaes incrustados de conchas de varia cor, e como applicasse o ouvido aos buracos das ventas, afigurou-se-me que lhe ouvia rugir as entranhas.»

«Chegada a noite nos serviram os religiosos excellente ceia, depois da nossa excursão, e tivemos por copiosos mui bellas raparigas. Era preciso beber Fayal (vinho) a grandes tragos: adivinharão, pois, o que nos succederia: á uma hora da madrugada nenhum dos convivas podia já suste-se na cadeira. As seis horas o nosso frade de Jersey declarou-nos balbuciando, e com juramento inglez mui conhecido, que pretendia ir immediatamente dizer missa: acompanhámo-lo á igreja, onde em menos de cinco minutos acabou tudo. Muitos portuguezes assistiram devotamente ao santo sacrificio; e quando saíamos, encontrámos muita gente que beijava religiosamente a manga do frade. A impudencia com que este marinheiro, ainda preso do vinho e intemperança, apresentava o braço á multidão, me divertia, ao mesmo tempo que não podia deixar de deplorar no fundo do coração a humana estupidez.

«Tendo embarcado as provisões, perto do meio dia voltamos a bordo, acompanhados pelos nossos inseparaveis religiosos, que nos deram conta enorme que foi preciso pagar. Encarregaram-se das nossas cartas para a Europa. O navio achára-se em perigo com um sneste repentino: levámos a anchora, mas embarçada nos rochedos força foi largal-a por mão, como já esperavamos. Largámos panno: continuou a refrescar: bem depressa tínhamos transposto os Açores.»

Continúa.

CHRONICA SEMANAL.

A caridade em trage de baile, de vestido de gaze, luva perfumada e grinalda florida, acudiu em socorro dos pescadores setubalenses, que o flagello das publicas calamidades visitou cruamente. Vozes privilegiadas, artistas duplamente aristocraticas, da aristocracia d'um talento distincto, e da aristocracia da condicção social, atraíram como as serêas da fabula aos salões ducaes da casa Palmella, a flor da sociedade de Lisboa, á testa da qual descendo do throno appareceram os Monarchas portuguezes que se acham sempre na vanguarda de todas as obras philanthropicas. Como as mãos rudes dos pescadores famintos abençoariam as mimosas mãos que recolhiam a contribuição da caridade, com o atractivo de Melpómene, para a levarem em conforto á penuria!

Quando a arte é interpretada por taes boccas não ha escolha nem preferencia no louvor. Fica a impressão de um todo que arrebatava e não se pode distinguir qual foi a parcella de maior encanto.

O theatro lyrico tem sido esta epocha quasi um mytho para os *dilletanti*: existe como esqueleto, mas não como corpo. Melpómene fugiu d'ali espavorida e assustada; deixando apoz si uma sombra tão vaga e sumida como a voz do tenor Irfre. Abandonado da protecção da musa, recorreu a outra, e achou-a; o publico perdeu tudo, com a ausencia da primeira, a empresa ganhou mais com a segunda. Tambem que podia ella perder! nem o senso commum sequer, que nunca o conheceu. Instaurado o patronato, systema hoje muito applaudido e que preside a todas as cousas, a empresa foi caminhando e tropeçando ora aqui ora acolá, até que afinal esbarrou deveras, e perdendo todo o equilibrio, não pôde evitar uma d'estas quedas, que deixam serias e profundas contusões, quando não sepultam para sempre, como agora succedeu. Os adeptos do governo tentaram todos os meios para lhe evitar a catastrophe, mas debalde: em vez de a salvarem, comprometteram-a mais. Foi um espectáculo novo e unico nos annaes dos theatros, foi uma revelação publica da pobreza franciscana d'aquelle gerencia e do escandaloso patronato das autoridades. Vamos á historia que não é pouco curiosa.

Annunciou-se nos cartazes *Marco Visconti* (advertindo sempre que actualmente em S. Carlos, o cartaz pouco regula, é um enigma que só á hora de começar o espectáculo, se póde decifrar) abre-se o salão, povoam-se os camarotes, enfeitam-se a platéa e logo depois apparece fóra, n'um quadro doirado uma declaração n'estes termos: «Tendo-se recusado a cumprir as suas obrigações os artistas que tomaram parte nos bailados do 1.º acto do «*Marco Visconti*» em consequencia da ordem do director do corpo de baile Mr. Saint-Leon, previne-se o publico de suppressão d'esta parte do espectáculo, occasionada pelo procedimento do referido director Mr. Saint-Leon e dos illudidos artistas, contra todos os quaes as autoridades vão proceder desde já convenientemente.» Começou a opera e quando chegou a occasião da *pyrhica*, o publico reclamou-a. Não discutimos se fez bem ou mal, os mais queixosos eram os assignantes. Justifica-se porém, esta exigencia pela continuada mystificação em que a empresa tem trazido o publico, desde as escripturas d'essas estafadas larynges que se esgançam ali todas as noites até aos ridiculos e eternos espectaculos que tem apresentado, faltando a todos os compromissos.

Ergue-se na platéa um mancebo, nosso amigo, reconhecido pelo seu cavalheirismo e generosidade, que profundamente indignado á vista daquellas revoltantes misérias, n'algumas palavras espontaneas e vehementes revela a publico, que a falta dos bailados procede da empresa não querer pagar a Saint-Leon. Maior tumulto e vozerias, a verdade augmenta a indignação. Neste intervalo a auctoridade acha uma idéa, e pela voz do contra-regra communica-a á plateia, nestes termos: «no camaroteiro restitue-se o dinheiro a quem quizer sair, advertindo aos que ficassem que, o espectáculo ia continuar, mantendo-se a ordem.» Corre tudo ao bilheteiro, mas lá apenas havia o dinheiro necessario para satisfazer cincoenta pessoas. Exaurida a caixa, fecha-se a porta, e o resto dos espectadores voltam para a sala a reclamar o seu dinheiro. Onde iria elle se bem caminhasse! Nunca assististe caro leitor, a essa comedia que se representa todas as noites ao começar do theatro, na casa do bilheteiro; pois eu vol-a conto. Mal se effectua a venda dos bilhetes dois ou tres individuos invadem aquelle sanctuario, e intimam o empresario a pagar-lhe, expondo estes poderosos argumentos. — O homem do gaz: — Dinheiro ou temos eclipse total na sala. — O chefe dos carpinteiros: dinheiro ou não corre mais um panno. — O chefe dos porteiros: dinheiro ou desamparamos as portas da platéa. — Estas apostrophes não tem replica senão pagar, donde resulta no fim do primeiro acto, não haver metade da receita na gaveta.

O barulho crescia, as exigencias eram rasoaveis, e a auctoridade para sair destes apuros achou uma segunda idéa mais luminosa, interpretada igualmente pelo contra-regra, e que se cifrava em annunciar que «— por ordem superior estava terminado o espectáculo! — «Era nada menos que uma burla e um escandalo. Os espectadores foram a S. Carlos para ouvir uma opera, deram-lhe um duetto e entenderam que deviam sair muito satisfeitos. A reacção era evidente; houve-a e manifestou-se n'uma tremenda pateada. Acudiu ao estrondo della, terceira idéa á auctoridade, a unica plausivel, mandando affixar no salão um aviso em que prevenia o publico que no dia seguinte, no camaroteiro seriam satisfeitas as senhas que fossem apresentadas. Serenou a borrasca, aquietaram-se os animos e cada qual se retirou para sua casa, commentando todos aquelles disparates e pulverisando-os de ridiculo. Hoje o theatro está fechado. Dizem que se intimou a pagar a todos em vinte e quatro horas ou a dar-se por fallido. Veiu tarde esta medida; devia ser no fim das cincoenta receitas. Agora quem ha de indemnizar os assignantes desse dinheiro que adiantaram? Ninguém. Quem perdeu perdeu; e quem ganhou, ganhou. Nesta terra tudo anda assim. Aguardemos.

La Joconde, que foi á scena no theatro francez, é um drama cheio de interesse e de movimento, tem scenas altamente dramaticas, situações interessantes e de muito effeito, apresentando por vezes novidade. Reservamos para outra vez uma analyse mais circunstanciada desta peça, que revela nos seus auctores, profundo conhecimento scenico. Limitar-nos-hemos hoje a apreciar rapidamente a execução. Mademoiselle Fontenelle, confirmou o juizo que sempre fizemos do seu talento, e que temos já manifestado, de não poder executar papeis dramaticos, faltando-lhe dotes e qualidades indispensaveis a elles. Alem da affectação em que incorre frequentemente, quando quer atingir o sentimento, a voz falta-lhe e prejudica-lhe as inflexões. Foi o que lhe aconteceu no desempenho da *Joconde*, e lhe hade acontecer sempre que tentar o drama. Na comedia tirará duplicado partido. Se o papel da protagonista fosse distribuido a mademoiselle Roqueville, estamos convencidos de que o havia interpretar melhor. É deveras para lamentar que ainda não tenha sido confiado a esta actriz um papel, em que podesse desenvolver os seus bellos recursos dramaticos, de que já nos deu uma idéa bem favoravel nos *Souvenirs de Jeunesse*. Ainda esta ultima noite viu coroados os seus esforços em bravos e applausos espontaneos do publico. E realmente a narração do terceiro acto, vai direita ao coração de todos: ninguém revela melhor o sentimento, nem traduz com mais verdade a paixão. No papel de *Helene* que lhe coube na *Joconde*, soube imprimir-lhe tanto realce, que o tornou quasi igual ao da protagonista, elevando-o pelo seu ta-

lento á mesma altura. Muito desejáramos poder admirar mademoiselle Roqueville, n'um drama de força como *La dame aux camelias*, *Diane de Lys* etc. O exito havia de ser brilhante e lisongeiro para a actriz. Mr. *Luguet*, teve momentos felizes, mas outros d'uma exaggeração quasi ridicula. Citaremos por exemplo a scena do 3.º acto, entre *Helene Guitré*, e *Desmoutiers*, em que parecia posseso. Mr. Minne estava deslocado no seu papel; não é aquelle o seu genero.

A quaresma trouxe ao theatro de D. Fernando o seu S. Martinho, quero dizer, o seu S. Francisco de Paula, cujo milagre principal é o ter engrossado as receitas, e atraído a concorrência áquelle local.

O Rei e o Eremita, é o drama, oratoria, chronica, ou como em direito melhor se lhe deva chamar a esta composição em prosa, em verso e em musica. A inspiração não ficou abafada no molde apertado das regras; aferrou-lhou os preceitos, como Calderon, e elevou-se livre por todas as regiões, tratando do assumpto por fórma diversa, como lhe pareceu comportar a importancia da situação e dos personagens. Recomendamos este drama bem certos de que ninguém se arrependará de o ter visto uma vez. As decorações, a *mise-en-scène*, o complexo da execução mostram que a obra foi ensaiada com intelligencia, que ha ali unidade e pensamento. Os actores interpretam sofrivelmente tanto quanto lh'o permitem as disposições naturaes e a infidelidade com que os personagens estão traçados. Luiz XI, o aqoute da aristocracia, o que fundou a unidade monarchica, está longe de ser o mesmo Luiz XI, que com tanta verdade escreveu Casimir Delavigne; o seu compadre Tristão é aqui um algoz ordinario, que só serve a rebaixar o vulto historico do rei; Esmeralda, a criação mais poetica de Victor Hugo, e Claudio Frollo em que elle soube inocular toda a philosophia do seculo xv, não são nem o esboço d'aquelles desenhos tão perfectos e acabados; porem a *Emparedada*, achou na sr.ª Anna Cardozo, quem conservasse o vigor do pincel, a energia dos traços com que o author donde a peça é extrahida, delineou e coloriu a desgraçada reclusa da *Tour-Roland*. Quanto ao S. Francisco, os seus milagres parecem apenas a proposito para acabar os actos, surpreendendo os expectadores com visualidades que deixam na penumbra os defeitos da rapsodia e o acanhado do estylo.

Crêmos que o author d'esta composição não pertende assenhorear-se da originalidade da idéa. Não é crível que Phoebus a Esmeralda, fructos da imaginação de um poeta, se reproduzisse uniformes homonymos na imaginação de outro, nem que este fosse igualmente aos archivos de França procurar o mesmo Claudio Frollo, feudatario do arcebispo de Paris, arceidiago e administrador do *fidei-comisso* ou feudo instituido pelos irmãos Paulet, para o introduzir, ainda que diversamente, na sua obra. Mas já que recorreu a esta origem, parece-me que lhe seria util o ter apresentado igualmente o desinquieto e endiabrado João Molindino, irmão e *cabron* do arceidiago, o famoso Gringorie, typo curiosissimo, e o grotesco Quasimodo, que lhe serviriam para dar relevo ás outras figuras, e de que tiraria partido sobre a platéa; porem, se bem julgamos, o author pertendeu apenas preparar um espectáculo para a estação, dar-lhe algum atractivo, pompa e feição religiosa. Se a isto se limitava o seu empenho, teve a ventura de o conseguir, e nós o felicitamos, por que a par da satisfação do seu desejo, logrou tambem o de chamar a concorrência ao theatro de D. Fernando por quem o publico se mostrava menos favoravel.

ERNESTO BIESTER.

REVISTA POLITICA.

Em quanto a diplomacia trabalha, não sabemos se com sinceridade de qualquer ou todas das partes contractantes, para o accordo pacifico, que deveria terminar a guerra denominada do oriente, e que a multiplicidade de complicações e incidentes, iam quasi tornando europea, não se descuidam os alliados de arrazarem em Sebastopol todos os residuos dos elementos que constituam a força naval d'este grande porto fortificado; ninho, donde a Russia, despregando seu vôo robusto e atrevido, poderia se lhe não cortassem agora as azas até os côtos baixos sobre o magnifico edificio de Santa Sophia, restabelecer ali o culto greg, embora abastardado pelas formulas moscovitas, e de novo chamar Byzancio á capital do imperio otomano.

Á cautela os francezes lá fizeram saltar pelo ar no dia 4 de fevereiro o forte de S. Nicolau, que os russos na sua retirada rapida não poderam destruir, postoque tivessem dado começo á mina; os fujitivos queriam inutilisar para os vencedores todo o abrigo e defeza nos pontos fortificados, se não fizeram tudo foi porque não tiveram tempo para mais, e comtudo satisfeita foi agora a sua vontade, postoque por diverso pensamento. Quando um tratado consignar a anniquilação do poder maritimo russo no Mar Negro, já em Sebastopol estará consummada a obra da destruição. Diz-se agora que a artilheria franceza recebeu ordem de acabar de todo com os vasos da armada russa que seus proprios donos mergulharam na bahia e ancoradouros. As portas de ferro das docas, que os inglezes acabaram de inutilisar, serão transportadas para França e Inglaterra. M.